

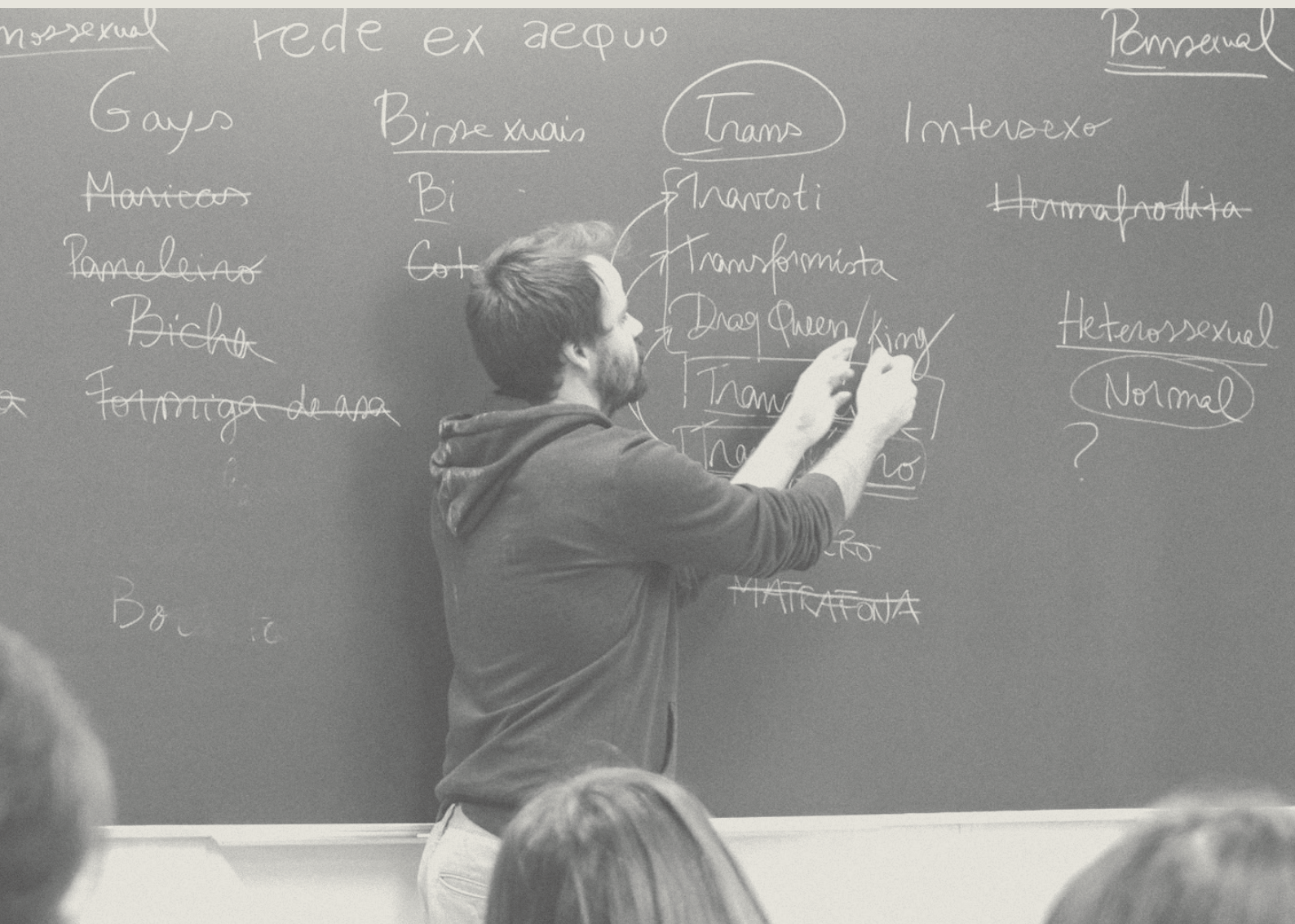


Relatório do Projeto Educação LGBTI 2019



rede ex aequo

associação de jovens lgbti e apoiantes



Relatório do Projeto

Educação LGBTI 2019

Novembro 2020

Redação

Ana Rocha

Isaac Rodrigues

Jo C.G. Matos

Rita Carmona

Revisão

Daniel Seabra

Design gráfico

Tomás Anjos Barão

Fotos da capa

Nick Lorgat

Tipografias

Open Sans, por Steve Matteson

League Mono, por Tyler Finck



associação de jovens lgbti e apoiantes
rede ex aequo

A rede ex aequo é uma associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, trans, intersexo e apoiantes. Criada em 2003, está inscrita no Registo Nacional do Associativismo Jovem e é uma organização membro do Conselho Nacional de Juventude, da IGLYO – International Gay, Lesbian, Bisexual, Transgender and Queer Youth and Student Organization e da EPOA – European Pride Organisers Association. As suas atividades têm tido o apoio financeiro do IPDJ – Instituto Português do Desporto e Juventude, da CIG – Comissão da Cidadania e Igualdade de Género, bem como das quotas das pessoas associadas e de donativos pontuais. Atualmente, o Projeto Educação LGBTI bem como os recursos necessários na elaboração do presente relatório contam com o financiamento do POISE – Programa Operacional Inclusão Social e Emprego.

rede ex aequo – associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, trans, intersexo e apoiantes

📍 Rua dos Fanqueiros, N°38, 3°Esq 1100-231 Lisboa.

☎ 96 878 18 41 ✉ geral@rea.pt 🌐 www.rea.pt

Índice

2	Sumário executivo 2019
5	Agradecimentos
6	Introdução
6	O projeto
8	As sessões
8	As escolas ex aequo
10	Os obstáculos
11	Formulário a alunas e alunos
11	Caracterização dos participantes
15	Respostas
32	Formulário a docentes e não-docentes
32	Respostas
42	Conclusões
44	Glossário
46	Instrumentos de política pública em vigor
46	Legislação
48	Estratégias Nacionais
48	Referenciais e Guias
49	Recomendações Internacionais
50	Sobre a rede ex aequo
52	Como contribuir
55	Referências Bibliográficas
56	Anexos

Sumário executivo 2019

4.843 jovens
162 sessões
9 distritos
1 região autónoma

Formulários de avaliação

1.070 preenchidos por estudantes
27 preenchidos por docentes e
profissionais de psicologia escolar

Alunos/as

- 79,2% assistiu a situações de discriminação homo-bi-trans-interfóbica
- 86% acha importante abordar questões LGBTI em aula
- 1,2% não acha importante abordar questões LGBTI em aula
- 68,3% refere que não são abordadas ou são raramente abordadas em aula

Docentes e psicólogos/as escolares

- 96% sente que estas sessões ajudam a diminuir as situações de discriminação
- 52% sente que o sistema educativo não é inclusivo de questões LGBTI
- 67% refere precisar de formação em questões LGBTI
- 30% não se sente capaz de reagir a situações de discriminação homo-bi-trans-interfóbica

O Projeto Educação LGBTI da rede ex aequo realiza sessões de esclarecimento e debate em escolas e outros contextos desde 2005, sendo reconhecido e apoiado por várias entidades governamentais. As sessões focam-se em questões de orientação sexual, identidade e expressão de género e características sexuais. Estas são realizadas por jovens e para jovens com base em princípios de **educação não-formal e entre pares**. Faz 15 anos que o Projeto percorre o país, incluindo regiões autónomas, a sensibilizar para a não-discriminação e para a diversidade. Este relatório reflete o alcance do Projeto Educação LGBTI em 2019 assim como os resultados do seu formulário de avaliação preenchido pelo corpo estudantil, docentes e profissionais de psicologia escolar.

O Projeto continua a alcançar mais escolas e jovens, recolhendo também mais dados sobre o ambiente escolar e familiar de jovens nas várias regiões de Portugal. Estes refletem uma falta de preparação sentida por parte de docentes para abordar questões de orientação sexual, identidade e expressão de género e características sexuais, assim como uma necessidade de tornar o sistema educativo mais inclusivo. As respostas indicam uma grande incidência de situações de discriminação homo-bi-trans-interfóbica em contexto escolar, uma abordagem insuficiente de assuntos LGBTI em aula e uma vontade por parte do corpo estudantil para que esta aconteça. Notavelmente, docentes e profissionais de psicologia escolar apoiam veemente a realização destas sessões como forma de combate a situações de discriminação e como forma de educar jovens sobre diversidade e inclusão. Tanto estudantes, docentes e não-docentes relatam uma grande satisfação com a qualidade e conteúdo das sessões e com a capacidade dos/as oradores/as do Projeto. Estes dados demonstram a importância da intervenção do Projeto Educação LGBTI nas escolas como uma componente da Educação para a Cidadania e Educação para a Sexualidade.



Agradecimentos

Agradecemos a todas as pessoas que são e fizeram parte deste projeto, que despenderam o seu tempo e dedicação para se deslocarem às escolas e outros locais com o objetivo de realizar as sessões do Projeto de Educação LGBTI e por tantas vezes terem de submeter os questionários de avaliação (sem os quais não conseguiríamos recolher os dados que constam neste relatório) manualmente numa base de dados interna.

Agradecemos a todas as escolas que nos acolheram e a todos os estudantes e docentes que assistiram às sessões e, voluntariamente, preencheram os questionários, permitindo-nos redigir o presente relatório.

Deixamos também um agradecimento a todas as pessoas que doam pontualmente a este projeto e a todas as entidades que nos financiam e nos financiaram este projeto desde 2005, nomeadamente o Instituto Português do Desporto e Juventude, a Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, a Secretaria de Estado para a Cidadania e a Igualdade, o Programa Operacional Inclusão Social e Emprego e os EEA Grants.

Introdução

O projeto

O Projeto Educação LGBTI é um projeto da rede ex aequo – associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, trans, intersexo e apoiantes, que surgiu em 2005. Este é um projeto contínuo da associação que visa uma intervenção educacional através da disseminação de informação sobre os temas da orientação sexual, identidade e expressão de género e características sexuais entre professores e alunos dos ciclos básicos, secundários e ensino superior, assim como formadores de professores e psicólogos.

O Projeto Educação LGBTI surgiu da necessidade de fazer frente à desinformação e discriminação vigentes no campo da educação, que levam à transmissão de informação incorreta, preconceituosa e estereotipada relativamente aos temas da orientação sexual e identidade de género. Esta desinformação fomenta a criação de um ambiente negativo, propício a agressões verbais ou físicas, em casa, na rua e principalmente no espaço escolar, para a juventude LGBTI ou quem seja percebido como tal. O impacto deste tipo de contexto é em muitos destes jovens a depressão ou a ideação e tentativa de suicídio. Estas situações só podem ser contrariadas através da criação de ambientes positivos, abertos e tolerantes em relação às pessoas LGBTI e de uma educação inclusiva para a cidadania e para os direitos humanos.

É através de sessões de esclarecimento dinamizadas por oradores voluntários, com formação própria para tal, que se tenta abrir o debate nas escolas portuguesas, colocando em diálogo várias vozes, desde alunos/as, docentes e pessoal não-docente. Estas sessões são conduzidas entre pares de um modo não-formal, interativo e informativo. Através do debate e dos materiais fornecidos aos docentes e alunos/as, pretende-se criar espaços onde os jovens possam falar livremente e sem preconceito, criando espaços de comunicação entre a juventude LGBTI e não-LGBTI e diminuir a discriminação, quer esta seja por parte de colegas, funcionários da escola ou professores. Adicionalmente, no caso dos professores, é-lhes dirigida uma brochura adicional que faculta informações e ferramentas para uma intervenção educativa correta com os seus alunos e alunas, que promova o respeito ao próximo e à sua diferença.

É importante realçar que não só a juventude homossexual, bissexual, trans e intersexo vive uma realidade de homofobia, bifobia, transfobia e interfobia nas suas vidas. Muitas outras pessoas sofrem na pele experiências homo, bi, trans e interfóbicas como resultado de estereótipos e preconceitos infundados, mas fomentados na sociedade em geral. Visto que estes temas são transversais a toda a sociedade, não é apenas nas escolas que se ministram sessões do Projeto de Educação LGBTI, apesar destas serem o principal foco. Outras associações, estabelecimentos de ensino superior e até empresas são espaços onde a associação também está presente, mas onde os formulários de avaliação que usamos não se enquadram, não estando, por isso, refletidos no presente relatório.

No fim de cada sessão, através dos formulários disponibilizados em papel ou em suporte informático às alunas, alunos e docentes, a associação recolhe dados sobre a avaliação e impacto da mesma quer em discentes ou docentes, no ambiente escolar e na aceitação e abertura a temas LGBTI, tanto no contexto de aula, como nas interações entre pares. Os formulários visam também recolher testemunhos de situações de discriminação que tenham acontecido à própria pessoa ou a terceiros, quer no espaço escolar ou fora deste. Permitem, ainda, retirar conclusões sobre a capacidade autorreportada de professoras e professores para abordar estes temas e a sua capacidade de agir, ou não, em situações discriminatórias relacionadas com orientação sexual, identidade e expressão de género.

A divulgação das sessões de esclarecimento do Projeto Educação LGBTI é feita por centenas de escolas e agrupamentos escolares a nível nacional no início do ano letivo através de um e-mail enviado pela equipa de coordenação do projeto (educacao@rea.pt) contendo a apresentação do mesmo e o plano das suas sessões. A participação em colóquios e conferências para dar a conhecer o Projeto Educação LGBTI também resultou na angariação de novas sessões.

As sessões

O presente relatório apresenta os resultados das 162 sessões realizadas no âmbito do Projeto Educação LGBTI durante o ano civil de 2019 distribuídas por Portugal Continental e pela Região Autónoma da Madeira, abrangendo cerca de 4843 jovens e docentes (*Figura 1 – Sessões realizadas por distrito ou região autónoma*). Destas, 1070 alunas e alunos com idades compreendidas entre os 11 e 21 anos preencheram o formulário de avaliação assim como 24 docentes e três não-docentes (neste caso psicólogos). Apesar dos números indicados anteriormente, a rede ex aequo está consciente que a maioria das situações de discriminação não se encontra nas estatísticas aqui apresentadas, visto que as sessões do Projeto Educação LGBTI não chegam a todas as escolas em Portugal. Ainda assim realizaram-se sessões do Projeto Educação LGBTI na Região Autónoma da Madeira e em nove dos 18 distritos de Portugal Continental, sendo que três desses distritos se encontram no Interior e/ou são distritos pouco urbanizados.

As escolas ex aequo

Em 2019 realizaram-se formações para voluntariado no respetivo Projeto, denominadas escolas ex aequo, com o objetivo de capacitar os oradores para dinamizarem e participarem em sessões de esclarecimento e debate realizadas em estabelecimentos de ensino ou espaços comunitários. Na sua totalidade participaram 62 pessoas, provenientes de 11 distritos diferentes.

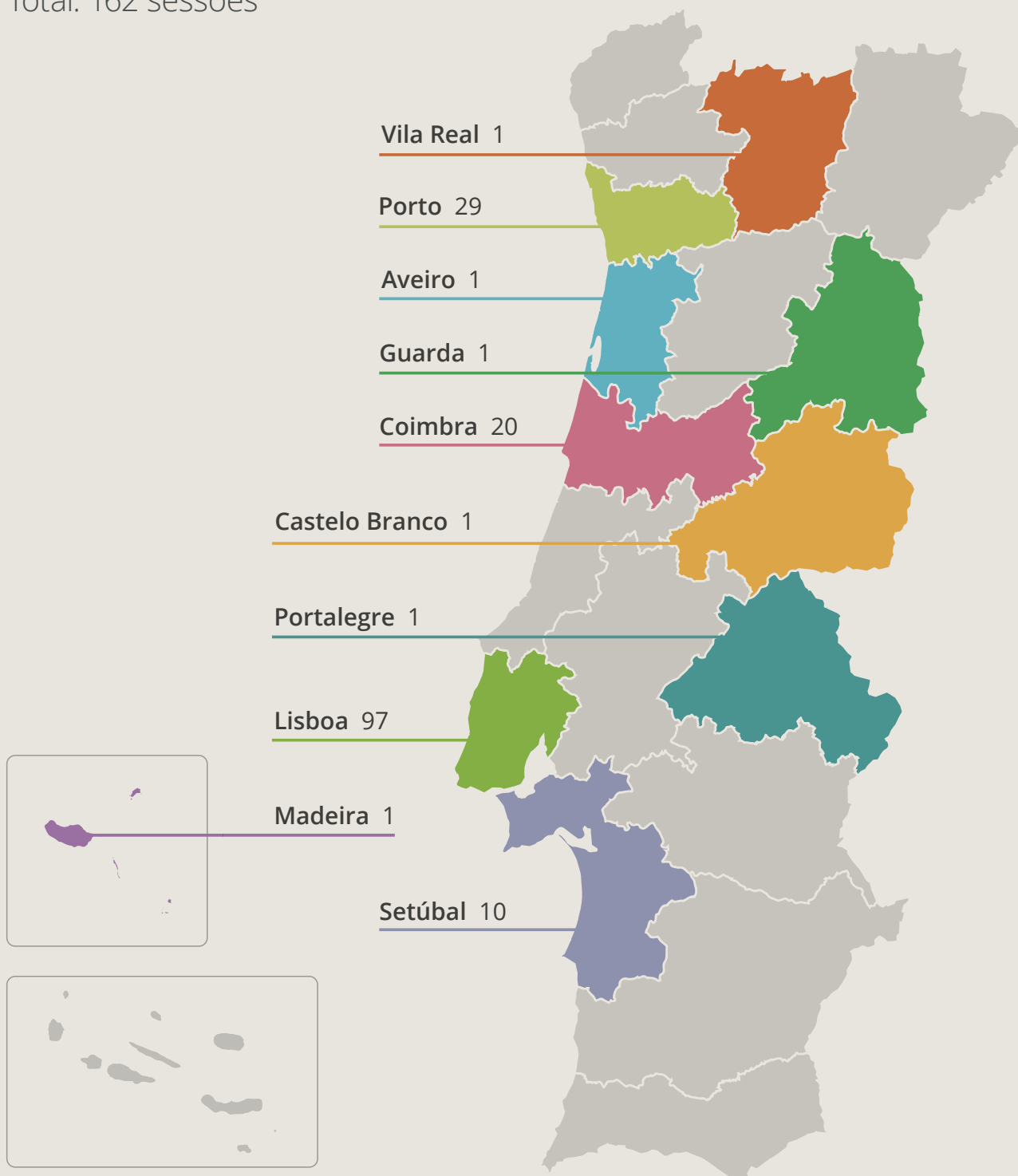
- 12 a 14 de abril, 10ª escola ex aequo, Lisboa
- 3 a 5 de maio, 11ª escola ex aequo, Porto Moniz (R.A. Madeira)
- 1 a 3 de novembro, 12ª escola ex aequo, Ponta Delgada (R.A. Açores)
- 22 a 24 de novembro, 13ª escola ex aequo, Porto

Figura 1

Sessões realizadas por distrito ou região autónoma

Ano civil 2019

Total: 162 sessões



Os obstáculos

É importante salientar que o início do ano de 2019 ficou marcado pelo debate mediático relativo à intervenção do Projeto Educação LGBTI nas escolas portuguesas. Uma publicação por parte de um representante político desencadeou a viralização de comentários homo-bi-trans-interfóbicos com o surgimento do movimento #DeixemAsCriançasEmPaz e consequente cobertura por vários meios de comunicação, levando a um debate aceso entre partidos políticos e personalidades portuguesas. Esta situação trouxe uma maior visibilidade da associação e do seu trabalho originando o cancelamento de duas sessões agendadas, motivado por receios das escolas e resistência por parte de alguns encarregados de educação. Em resposta aos acontecimentos, foram lançados pela rede ex aequo um comunicado oficial e uma campanha de vídeos de testemunhos de pais, professores e psicólogos de escolas sobre a sua experiência com a associação.

Série de seis vídeos com testemunhos de pais, professores e psicólogos escolares lançados pela rede ex aequo em março de 2019.

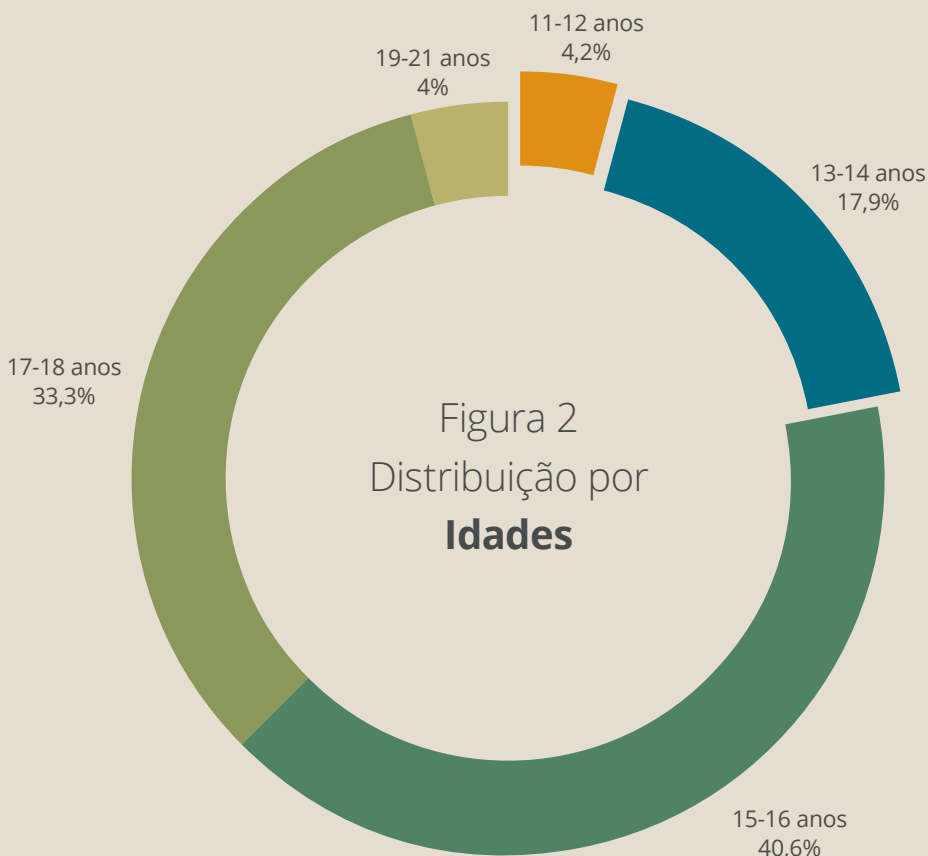


Formulário a alunas e alunos

Caracterização dos participantes

No fim de cada sessão do Projeto Educação LGBTI, é pedido aos participantes que preencham um formulário de avaliação da mesma (Anexo I— Formulário de Avaliação – Alunas/os) que possibilite medir a sua pertinência e impacto, assim como o grau de consciencialização dos participantes para a importância da não-discriminação dos pares com base na orientação sexual, identidade e expressão de género e características sexuais. A amostra é constituída por **1070 respostas válidas**, sendo que o preenchimento de cada formulário foi realizado de forma anónima e exclusivamente por vontade própria de cada jovem.

Dentro da amostra, a faixa etária dos 16 e 17 anos é a mais representada, sendo 16 anos, precisamente a média de idades dos participantes (*Figura 2 – Distribuição por Idades*). Tal justifica-se com o facto da maior parte das sessões serem ministradas ao ensino secundário, algo que pode ser verificado no gráfico abaixo (*Figura 3 – Distribuição por Ano de Escolaridade*).



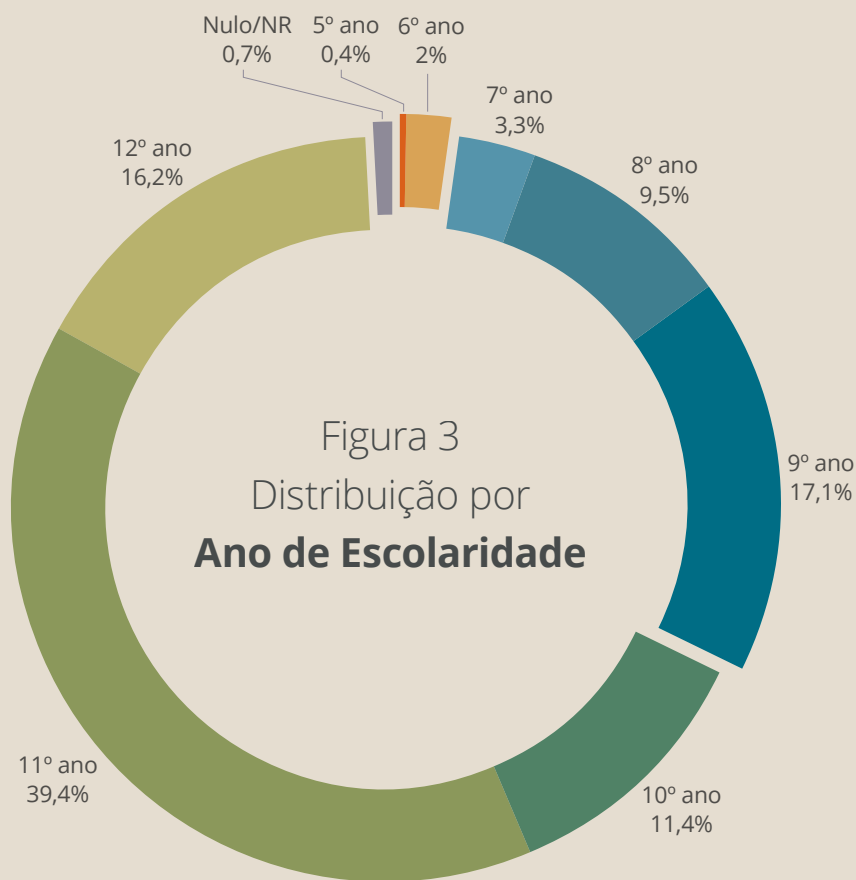


Figura 3
Distribuição por
Ano de Escolaridade

As sessões são sempre realizadas a pedido dos professores, das escolas, das associações de estudantes ou dos próprios estudantes (sempre com o aval de um professor, psicólogo ou membro da direção da escola). Sendo que a adolescência é normalmente considerada o período de autodescoberta e de questionamento de identidade, a maioria das sessões do Projeto Educação LGBTI são dirigidas ao ensino secundário. O formulário de avaliação entregue às alunas e alunos está dirigido a um contexto de escolaridade obrigatória, não estando adaptado para o contexto universitário ou outros, como empresas e associações. Daí, não se verificam formulários preenchidos por pessoas fora do ensino obrigatório, tendo havido, no entanto sessões dirigidas a este público (Figura 3 - Distribuição por Ano de Escolaridade).

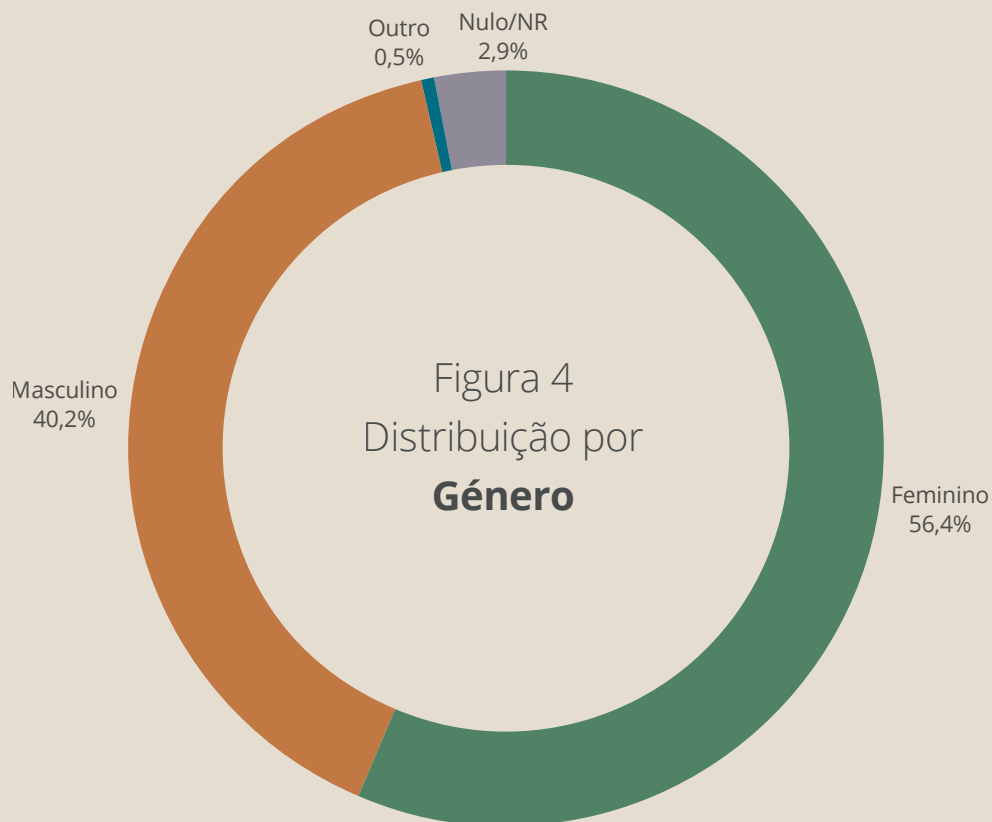
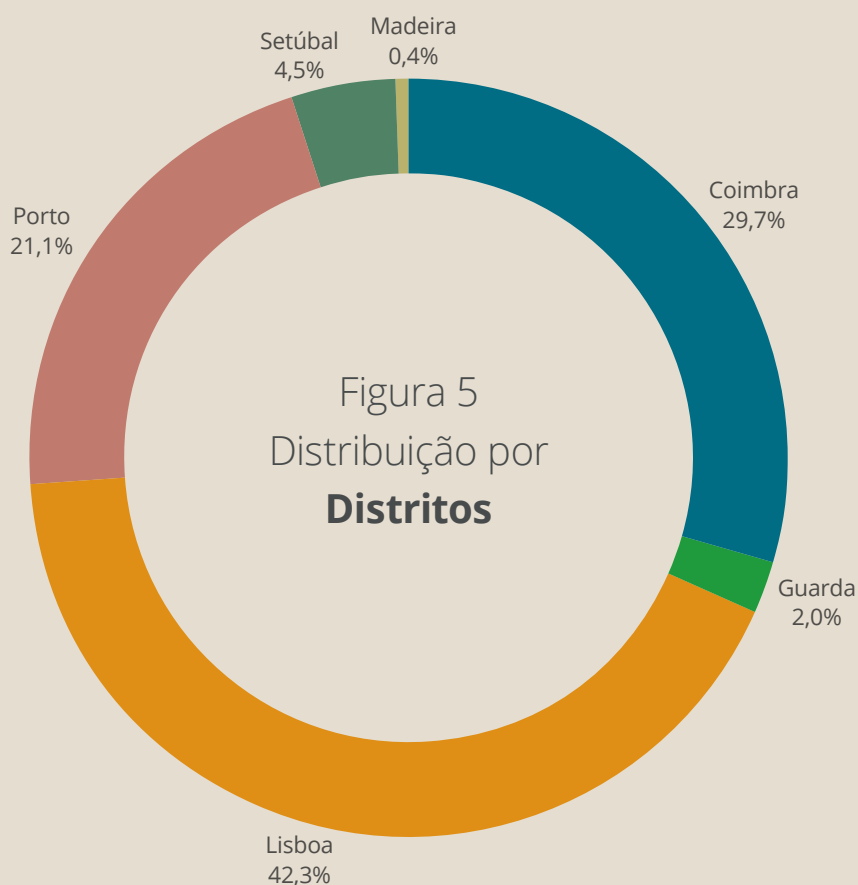


Figura 4
Distribuição por
Género

No gráfico acima pode-se verificar em valores percentuais os participantes por género (*Figura 4 – Distribuição por Género*). São registadas mais respostas por parte de participantes do género feminino do que do masculino e um número reduzido de pessoas que se identificam com outro género fora do binómio masculino/feminino (0,5%), sendo, contudo um aumento face ao período de 2016-2018 (0,1%).^[1] É importante referir que apesar deste valor, o mesmo não representa uma percentagem do número de pessoas trans que preenche o formulário, visto que estas também se podem identificar unicamente com o género masculino ou feminino ou não terem respondido verdadeiramente por medo que alguém descobrisse a sua identificação.

Relativamente à distribuição das respostas por distritos, regista-se uma maior concentração de respostas em Lisboa (42,3%), Coimbra (29,7%) e Porto (21,1%), perfazendo um total de 93,1% das respostas recebidas, o que vem na tendência de anos anteriores (*Figura 5 - Distribuição por Distritos*). É de salientar a dinamização de sessões na Região Autónoma da Madeira e o facto de ser mais difícil de chegar a distritos mais localizados no interior do país e onde talvez ainda haja menor abertura e contacto com as questões LGBTI+ e para sensibilização da não discriminação. O objetivo do Projeto Educação LGBTI é tentar chegar ao maior número de localidades possível, especialmente aquelas onde este ainda não teve a oportunidade de estar presente. Para tal, pretende-se fomentar um contacto mais direto com essas zonas, estabelecendo parcerias com autarquias e instituições locais e promovendo sessões públicas de apresentação do mesmo junto de direções e agentes escolares.



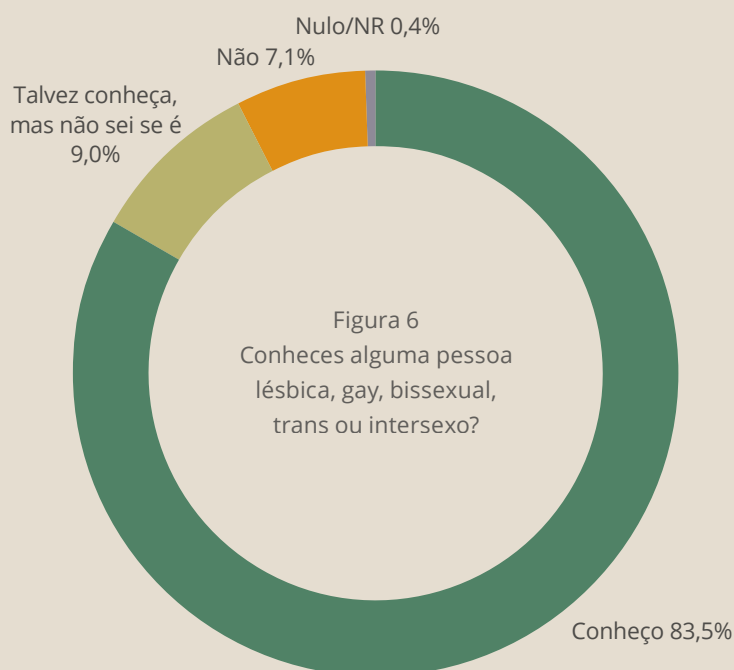
Respostas

1. Conheces alguma pessoa lésbica, gay, bissexual, trans ou intersexo?

Ao serem questionados sobre o conhecimento de alguma pessoa lésbica, gay, bissexual, trans ou intersexo, a maioria dos alunos respondeu afirmativamente. Este resultado é importante para verificar que existe, cada vez mais, uma visibilidade e reconhecimento da existência destas pessoas e que, possivelmente, há uma maior capacidade destas fazerem o *coming out* sem medo de represálias (Figura 6 – Conheces alguma pessoa lésbica, gay, bissexual, trans ou intersexo?).

Já 9% (96 respostas) dos inquiridos afirma talvez conhecer, mas sem certezas, mostrando terem a consciência de que muito provavelmente terão contacto com pessoas LGBTI nas suas vidas, ainda que estas não o revelem.

Com menor percentagem, 7,1% dos inquiridos (76 respostas) afirma não ter qualquer conhecimento de pessoas que sejam LGBTI, o que pode indicar a ausência da consciência que a um nível diário poderão estar rodeados de pessoas que o sejam, ainda que não o assumam, ou então uma rejeição da ideia de poderem conhecer pessoas LGBTI.



2. Como reagirias se a/o tua/ teu melhor amiga/o se assumisse como LGBTI?

Quando questionados sobre este assunto, a grande maioria (80,5%) afirma que a amizade se manteria tal como está, mostrando que essa componente não afetaria a relação, enquanto que 15,2% afirma que a amizade mudaria para melhor, talvez pelo facto de tal confiança se tornar um factor de aproximação. Já 1,6% das respostas declara que a amizade mudaria para pior e um número igual acabaria com a mesma (Figura 7 - Como reagirias se a/o tua/ teu melhor amiga/o se assumisse como LGBTI?). Apesar destes dois últimos valores refletirem uma realidade mais negativa, é possível verificar que as questões de orientação sexual, identidade de género e características sexuais começam a ter um peso menor nas relações de amizade entre os jovens e são uma condição menos susceptível de discriminação entre pares, comparando com as respostas dadas em anos anteriores. Tal pode mostrar que esta é uma nova geração mais aberta e respeitadora das diferenças existentes.

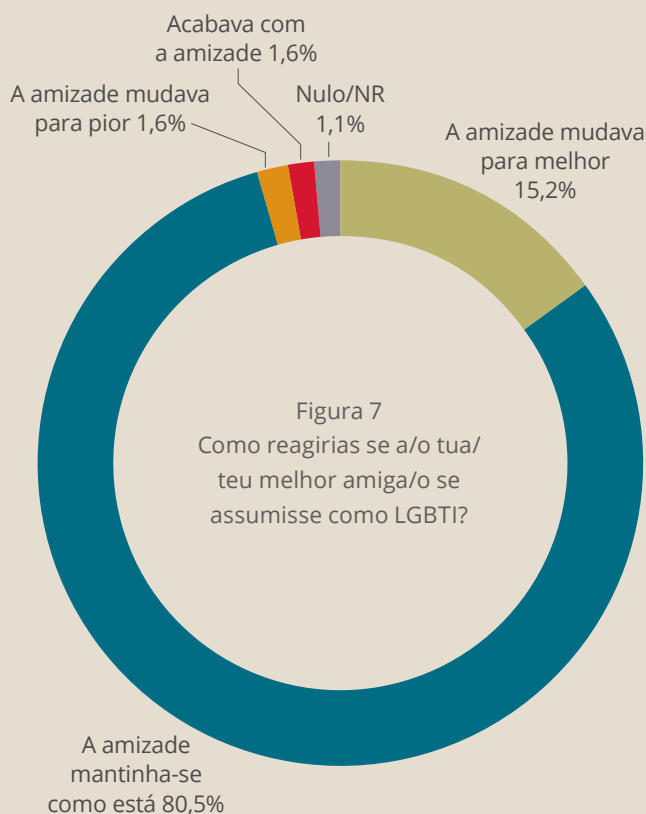
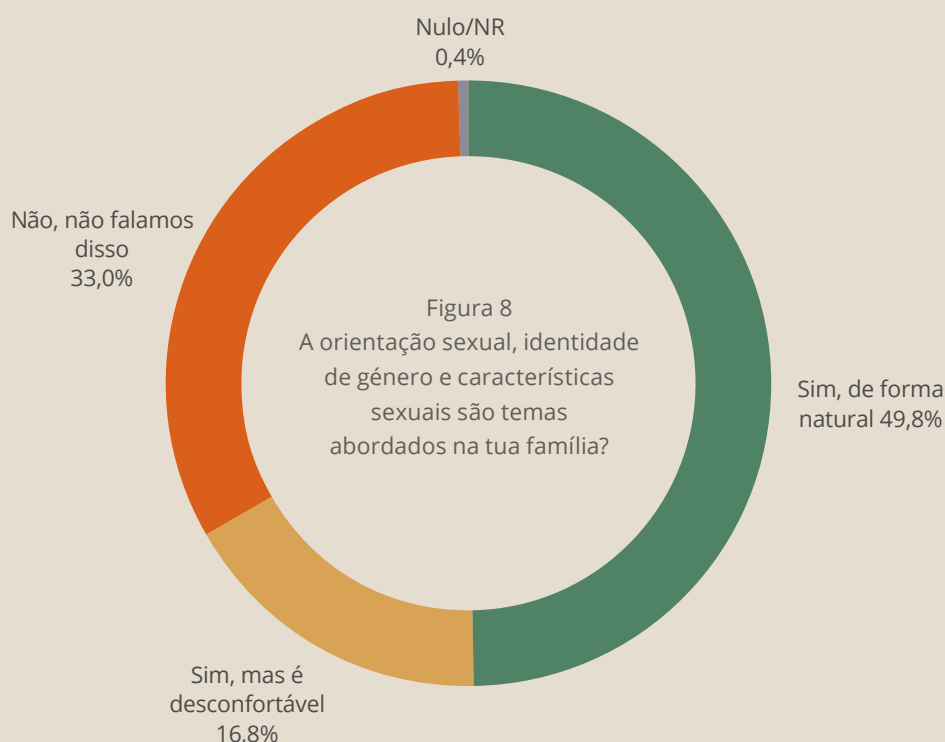


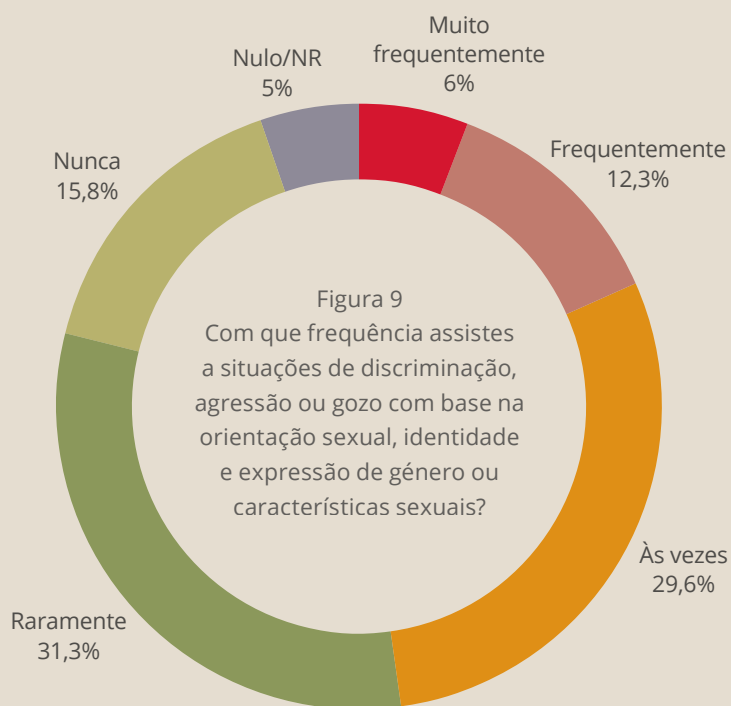
Figura 7
Como reagirias se a/o tua/
teu melhor amiga/o se
assumissem como LGBTI?

3. A orientação sexual, identidade de género e características sexuais são temas abordados na tua família?



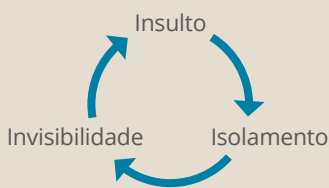
Ao serem confrontados com esta questão, praticamente metade dos inquiridos (49,8%) responde que sim e que abordam esta temática de uma forma natural, enquanto que 16,8%, apesar de também responder afirmativamente, deixa a ressalva de que o faz, mas que tal é desconfortável (Figura 8 – A orientação sexual, identidade de género e características sexuais são temas abordados na tua família?). Já cerca de um terço dos inquiridos (33%) revela não incluir estes temas no seu seio familiar. No seguimento da pergunta anterior, onde se refere que se está a formar uma geração cada vez mais livre de preconceitos homo-bi-trans-interfóbicos, talvez as gerações mais antigas, neste caso os pais, possam demonstrar mais dificuldade em abordar questões ligadas à orientação sexual, identidade e expressão de género e características sexuais, quer seja por desconhecimento ou por desconforto. Tornando-se, assim, importante as sessões de esclarecimento realizadas com os alunos em ambiente escolar, algo que poderá promover uma mudança nessas gerações mais antigas, munindo os alunos de conhecimentos, tornando-os também agentes multiplicadores da mudança pretendida.

4. Com que frequência assistes a situações de discriminação, agressão ou gozo com base na orientação sexual, identidade e expressão de género ou características sexuais?



Quando questionados em relação a discriminação com base em questões de género e sexualidade, a grande maioria dos estudantes (79,2%) afirma assistir a situações em que os seus pares são alvo de discriminação, agressão ou gozo (Figura 9 – Com que frequência assistes a situações de discriminação, agressão ou gozo com base na orientação sexual, identidade e expressão de género ou características sexuais?). Destes alunos, 31,3% assiste a situações de discriminação raramente, 29,6% assiste por vezes, enquanto 12,3% afirma testemunhá-lo frequentemente e 6% muito frequentemente, apesar do trabalho que se tem tentado fazer junto das escolas e de campanhas anti-discriminação, nestes últimos anos, de modo a minimizar este tipo de situações. Estes resultados podem demonstrar que a perceção de uma orientação sexual e/ou identidade/expressão de género não normativas

ainda é vista como uma vulnerabilidade e oportunidade para fragilizar essa pessoa. Tais situações discriminatórias podem manifestar-se através de comentários aparentemente inofensivos até agressão física ou verbal direta. Estes comportamentos podem afetar o bem-estar físico e psicológico das pessoas, o seu sentimento de segurança, o seu desempenho escolar e assiduidade, e as suas relações interpessoais, traduzindo-se numa maior probabilidade de isolamento, comportamentos de risco e auto-lesivos.^{[2] [3]} A agravar esta situação está o facto destes jovens também não terem a facilidade de abordar esta questão no seio



familiar. No fundo, projeta-se um ciclo de três I's — Insulto, Isolamento, Invisibilidade — que é referido e explicado durante as sessões do Projeto^{a)}. O objetivo da associação e do Projeto Educação LGBTI é contribuir para quebrar este ciclo, transformando a invisibilidade numa visibilidade positiva e real.

4.1. Se sim, quando e o que aconteceu?

A esta pergunta de resposta aberta contabilizaram-se 437 respostas consideradas válidas. Devido à impraticabilidade de analisar resposta a resposta, as mesmas serão analisadas e agrupadas a partir de palavras/expressões-chave que se repetem e de ideias semelhantes.

Cerca de 25% das respostas (108) indica que estas situações acontecem em ambiente escolar num passado próximo ou realidade presente das mesmas. Segundo estas, a discriminação por estes fatores parece ser um quotidiano quase banalizado, pois os comentários depreciativos ou insultos parecem estar interiorizados pelos estudantes:

“Entre amigos contamos piadas e coisas assim, mas sinceramente nunca penso se estou a ferir alguém.” – 16M, Vila Franca de Xira

“Em situações escolares, nem sempre com intenção malévola.” – 16F, Lisboa

a) O insulto vem do desconhecimento ou falta de contacto com pessoas LGBTI. Pelos insultos que ouviram ou temem ouvir (dirigidos a si ou não), as pessoas LGBTI ou percecionadas como tal isolam-se: não assumem essa identidade (caso a tenham), evitam mostrar traços considerados LGBTI e não se organizam em comunidade; muitas vezes retraem-se de situações sociais (p.e., faltando à escola). Tudo isto leva à sua invisibilidade e silenciamento na sociedade e nos media, mantendo-se assim o desconhecimento e estranheza da maioria, que causa de novo o insulto. Para mais informações ver Moleiro, c. et al. (2016)^[4]

Estes testemunhos demonstram que, ainda que sem intenção, os jovens perpetuam estas situações. Nas sessões tenta-se consciencializar o público-alvo de que este tipo de atitudes pode ser corrosivo para as pessoas que os rodeiam e pode magoar e fragilizar os seus pares que estejam a debater-se com dúvidas sobre a sua orientação sexual e/ou identidade de género, voltando a reforçar o Ciclo dos Três I's referido anteriormente. As anedotas e piadas de teor homo-bi-trans-interfóbico existem social e culturalmente e não é fácil desenraizá-las, cabendo à escola um papel preponderante enquanto espaço de formação e informação relativamente a questões cívicas e de cidadania, como a consciencialização relativa a temáticas de igualdade e aceitação.

Um número significativo de respostas refere situações de insulto direto a pessoas LGBTI, tanto como indivíduos e como casal:

“Na rua com um casal gay a demonstrar afeto um pelo outro e um senhor chamou todos os nomes imagináveis e quase que partiu para a agressão.” – 16F, Lisboa

“Duas amigas minhas iam de mãos dadas e um senhor começou a insultá-las e chamou-as de fufas exibicionistas.” – 19F, Lisboa

“Vejo muito frequentemente chamarem “paneiro” a pessoas homossexuais.” – 14F, Arganil

Alguns jovens relatam experiências na primeira pessoa, em que estes foram discriminados, insultados ou alvo de chacota por serem LGBTI.

Muitos destes foram discriminados na escola e em seio familiar, onde tiveram uma receção negativa ao seu *coming out*:

“Constantemente, principalmente miúdos a atirar insultos do nada, olhares de lado e insultos baixos quando estou com a minha namorada [e o meu] pai a dizer-me que ser trans seria o pior erro da minha vida.” – 17, NB^{b)}, Ermesinde

b) género Não Binário

“Não me recordo, mas foi mau. Um colega da minha turma chamou-me nomes por namorar com uma rapariga, e isso rebaixou-me imenso. É algo muito delicado para mim, pois ainda não me aceito totalmente e a minha família muito menos.” – 13F, Moita

Sendo que nem sempre o ambiente familiar é um lugar de apoio para estes jovens no que diz respeito a estas circunstâncias, a escola deveria assegurar esse lugar seguro para cada adolescente em formação da sua identidade.

Várias respostas apontam que durante a própria sessão assistiram a situações de gozo e desprezo, mesmo na presença de professores, o que leva a crer que esta será apenas uma amostra do dia-a-dia escolar.

“Mesmo durante a palestra esta discriminação aconteceu, portanto, no dia a dia escolar acredito que esta é uma realidade.” – 17F, Santo Tirso

Em menor quantidade, algumas respostas relatam-nos que é por parte de alguns professores e assistentes operacionais que a discriminação provém:

“Aconteceu na escola, um casal heterossexual estava aos beijos e as funcionárias não disseram nada e quando um casal gay estava aos beijos, elas começaram a reclamar e a dizer que os iam levar à direção.” – 18F, Figueira da Foz

Foram registadas também denúncias de que estas situações ocorrem frequentemente fora do espaço escolar, nomeadamente, na rua, transportes e espaços públicos. A Internet e as redes sociais são outros dos locais que os jovens referem onde ter assistido, ou sido vítima, de *bullying* homo-bi-trans-interfóbico:

“Maioritariamente nas redes sociais, há diversas situações desrespeitosas e insultuosas para com a comunidade lgbti.” – 16F, Valongo

Apesar de não existir um confronto direto nestas situações, a verdade é que o *bullying* continua a existir fora da escola, especialmente tendo em conta a preponderância que as redes sociais têm na vida dos adolescentes. A exposição constante a comentários negativos sobre pessoas e questões LGBTI, assim como comentários maldosos anónimos (também referidos nas respostas), podem ter consequências nos jovens que deste modo se identificam.

5. Qual é a tua opinião sobre as pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans e intersexo depois desta sessão?

O objetivo desta questão é medir o impacto que as sessões têm na sensibilização e esclarecimento das questões abordadas. Tal como na pergunta anterior, tendo em conta que houve 970 respostas válidas, foram agrupadas as ideias principais através de palavras e expressões-chave, sendo também escolhidas respostas com base na heterogeneidade das mesmas, de forma a abordar diversas perspetivas.

A maioria das respostas aponta para uma consciencialização da importância da não-discriminação das pessoas LGBTI. Alguns jovens afirmam que a sua opinião se manteve, não especificando, porém, se essa opinião era negativa ou positiva. Em maior número, estudantes declaram a sua opinião ser a mesma, contextualizando que sempre pensaram nas pessoas LGBTI (sendo que falam na sigla em geral, não detalhando se se referem à orientação sexual, identidade e expressão de género, ou características sexuais) como sendo pessoas que em nada diferem das heterossexuais, cisgénero ou com expressão de género consideradas mais normativas:

“A mesma de antes, sempre os/as vi como seres humanos dignos de respeito e igualdade.” – 16M, Vila Franca de Xira

“A mesma opinião com que comecei: liberdade de género e orientação sexual são individuais e íntimas e não são, de qualquer modo, uma limitação de carácter da pessoa.” – 16F, Figueira da Foz

A palavra “normal” aparece várias vezes para caracterizar as pessoas LGBTI. Nas sessões, um dos objetivos é colocar o conceito de normalidade em perspectiva: o que significa ser normal? Será que falamos em normalidade quando nos queremos referir a algo que é comum ou algo que opõe ao “anormal”? Não sabemos com que intuito os alunos descrevem as pessoas LGBTI como normais, dado que se podem querer referir ao primeiro conceito ou então pode surgir também por oposição a uma tendência para considerar estas pessoas como “anormais”. Nas respostas, nenhum aluno caracteriza as pessoas LGBTI como sendo “anormais”, contrariamente a dados de anos anteriores (tendo sempre em consideração de que a amostra é diferente). Dentro das respostas que consideram “normal”, existe uma parte que revela algum desconforto e estranheza para com as pessoas LGBTI:

“Acho um assunto normal, ainda acho estranho ao mesmo tempo, mas aceito-as.” – 16M, Figueira da Foz

“Algo normal, as pessoas não escolhem de quem gostam, apesar de às vezes me causar desconforto acho completamente normal.” – 16M, Figueira da Foz

Contudo, prevalece ainda uma ideia demarcada de diferença, ou seja, ainda que partilhem a perspectiva de que as pessoas LGBTI são “normais” ou que merecem o respeito de toda a gente e serem tratados de forma igual, a verdade é que surgem testemunhos de “nós” (pessoas heterossexuais e cisgénero), vs. “eles” (pessoas LGBTI), como podemos abaixo comprovar:

“São pessoas iguais a nós mas com gostos diferentes.” – 19F, Lisboa

“Continua igual, eu não sou contra essas pessoas e acho que elas são iguais a nós.” – 16M, Figueira da Foz

Encontra-se em algumas respostas a ideia de que é imperativo um respeito mútuo entre pessoas não-LGBTI e LGBTI, deixando implícito e por vezes explícito, que de certa forma as LGBTI desrespeitam as pessoas não-LGBTI:

“A mesma de antes, somos todos normais, ninguém é diferente, os “normais” heterossexuais não devem insultar os gays, as lésbicas, os bi’s, etc... E os gays, lésbicas, bi’s, etc, também não devem insultar os heterossexuais, porque isso também acontece.” – 19M, Figueira da Foz

A ideia de escolha ou opção, apesar de ter vindo a decrescer, depreende que a orientação sexual e/ou identidade de género possam ser uma decisão. Esta ideia surge quase sempre no contexto das sessões, sendo que os oradores presentes tentam desmistificá-la, geralmente com sucesso. Alguns comentários, apesar de demonstrarem respeito para com as pessoas LGBTI, ainda transmitem essa ideia de opção:

“A mesma de antes. Cada um na sua vida e com as suas opções.”
– 16M, Vila Franca de Xira

“São pessoas como as outras que optaram por uma opção diferente, o que não afeta em nada a pessoa que são.” – 16M, Valongo

Reside também a ideia de indiferença para com o tema, ou seja de que a existência das pessoas LGBTI não as afeta negativa ou positivamente. Pode resultar do facto dos inquiridos nunca se terem debruçado sobre o assunto ou não acharem que seja uma questão que valha a pena ser debatida e pensada, provavelmente não se apercebendo da discriminação existente. Poderá dar-se também o caso dessa aparente indiferença estar relacionada com alguma rejeição sobre debater a temática:

“Façam o que querem.” – 16M, Gouveia

“Não tenho nada a ver com isso, cada um sabe de si.” – 19M, Figueira da Foz

“Não tenho nem nunca estive contra. cada um está livre para ser o que lhe apetece.” – 18M, Figueira da Foz

Podemos verificar que quando existem casos de pessoas LGBTI no círculo familiar ou de amigos é mais fácil aceitar, respeitar e lutar pela existência e direitos das pessoas LGBTI. A criação de empatia pela dificuldade ou fragilidade do outro, assim como a própria visibilidade destas questões originam consequentemente uma maior aceitação, respeito e inclusão:

“A minha opinião mantém-se, porque sempre respeitei e sempre dei apoio a essas pessoas, pois tenho amigas com essa situação e uma familiar também.” – 17F, Amadora

“A minha opinião sempre foi de que têm os mesmos direitos e merecem ter essa opção de escolha como qualquer outra pessoa hetero, sempre convivi com amigas lésbicas ou assim e nunca achei que fosse incomum.” – 16F, Valongo

Vários alunos, apesar de indicarem que sempre tiveram abertura e aceitação, declaram que a palestra os dotou de maior esclarecimento, informação e lucidez sobre o tema. Muitos afirmam que passaram a conhecer novos termos, especialmente no que diz respeito às questões trans e intersexo. Outros revelam que ficaram mais sensibilizados para a não-discriminação e que mudarão algumas atitudes:

“Eu já era a favor, mas agora vou tentar não dizer os nomes com aquela conotação negativa.” – 17F, Lisboa

“Continua a mesma, mas fez-me pensar um pouco mais principalmente quando pensamos em todos os nomes atribuídos aos gays, lésbicas, bissexuais e trans em que maior parte senão todos os nomes são negativos e/ou insultos.” – 18F, Lisboa

“Depois desta sessão saio com o esclarecimento das minhas questões intersexo e trans.” – 17M, Ermesinde

A necessidade de pensar sobre os insultos de que pessoas LGBTI são alvo, principalmente no meio escolar, é um dos principais objetivos do Projeto Educação LGBTI. Verificar que, com estas sessões, a associação consegue sensibilizar os alunos para medirem as consequências que as palavras ofensivas podem ter e se tornarem agentes de mudança ativa, corrigindo quando outras/os colegas proferem essas ofensas, indica um avanço positivo no combate à discriminação e reforça a necessidade de trazer estes temas para o debate junto da juventude.

A ideia de que as pessoas LGBTI são corajosas por enfrentarem uma sociedade ainda crítica também está presente, mostrando alguma consciencialização por parte dos alunos:

“Levo de forma natural não me incomoda até tenho orgulho de essas pessoas de terem coragem de se aceitarem e assumir perante os olhos da sociedade.” – 14F, Arganil

“São super corajosos, pois a sociedade não é fácil.” – 16F, Figueira da Foz

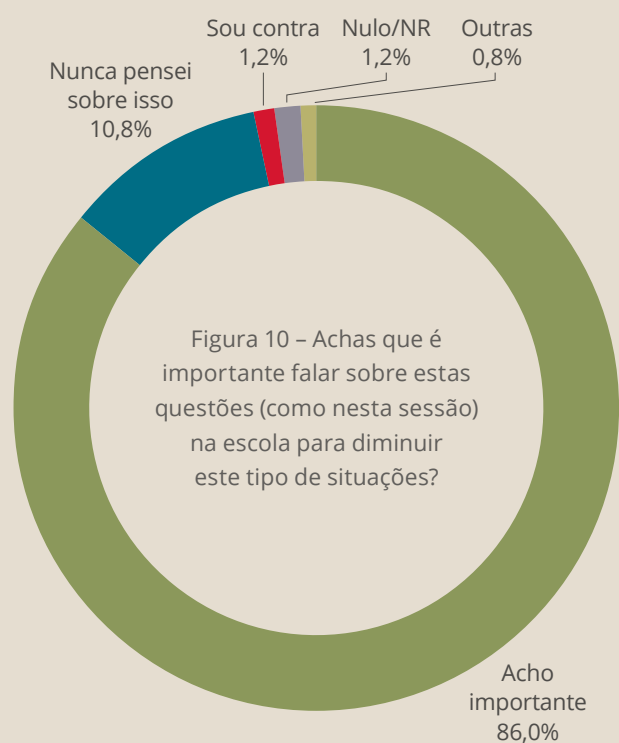
Por fim, temos alguns alunos que acabam por aproveitar esta pergunta para se assumirem como LGBTI:

“A minha opinião não mudou porque eu sempre apoiei a comunidade lgbtq+, sendo que eu também faço parte dela.” – 15F, Alverca do Ribatejo

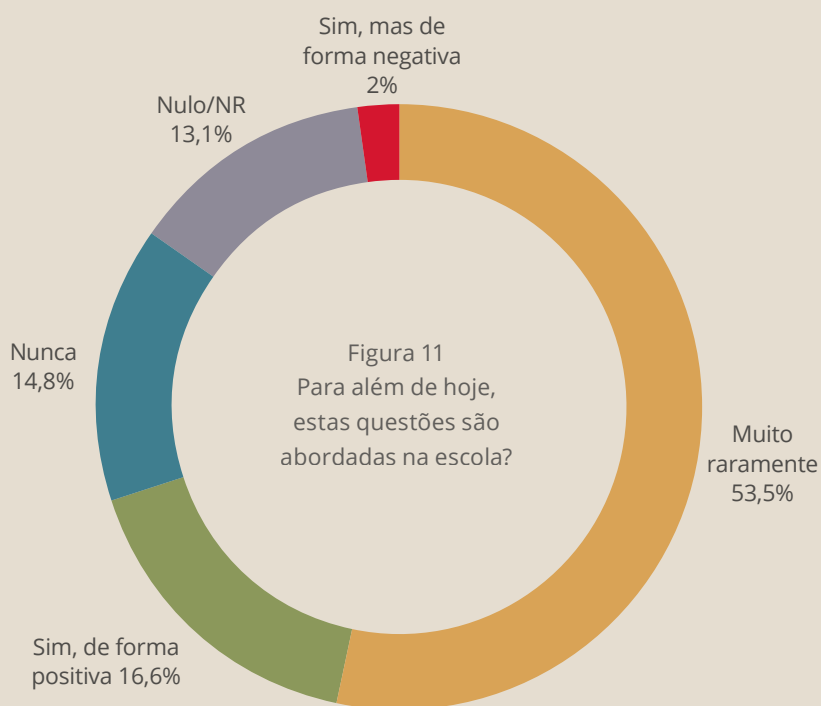
“A minha opinião não mudou. Eu sou uma pessoa lgbti, neste caso bissexual, e acho que somos todos iguais e que devemos de ter todos os mesmo direitos.” – 14F, Moita

6. Achas que é importante falar sobre estas questões (como nesta sessão) na escola para diminuir este tipo de situações?

A maioria dos inquiridos (86%) acha importante que as questões de orientação sexual, identidade e expressão de género e características sexuais sejam abordadas na escola, o que mostra o interesse dos alunos nestas temáticas assim como a consciência sobre o carácter sensível da mesma (Figura 10 – Achas que é importante falar sobre estas questões (como nesta sessão) na escola para diminuir este tipo de situações?). Uma percentagem mais reduzida de estudantes (10,8%) revela nunca ter pensado sobre o assunto, o que vai de encontro a algumas das respostas que foram deixadas na categoria de “Outras”, onde opinam ser indiferentes ou desnecessárias tais abordagens em contexto escolar. Dentro desta categoria, assinalam-se respostas que apontam que tais temáticas deveriam ser abordadas apenas no ensino secundário. Apenas 1,2% dos inquiridos se manifesta ser contra falar sobre estas questões, ainda que fique por apurar o motivo.



7. Para além de hoje, estas questões são abordadas na escola?



De acordo com o gráfico, 53,5% dos alunos diz ser “muito raramente” que estas questões são abordadas na escola (Figura 11 – Para além de hoje, estas questões são abordadas na escola?). Em menor quantidade, 16,6% dos alunos diz-nos que estas questões são abordadas na escola de forma positiva e uma minoria (2%) indicou que eram abordadas mas de forma negativa. Já 14,8% diz-nos que estas questões nunca são abordadas na escola.

7.1. Se sim, quando e em que contexto aconteceu?

A maioria refere que quando são abordadas estas temáticas estas são discutidas, por ordem de frequência, em contexto de: outras palestras ou similares com a presença de psicólogos, aulas e, finalmente, entre pares. Nas aulas, estes temas são maioritariamente abordados em módulos específicos, como momentos pontuais de Educação Sexual e aulas de Ciências/Biologia, História, ou em análise de obras literárias na disciplina de Português. Algumas respostas sugerem que se fala destes temas em sala de aula por iniciativa dos alunos, que gostariam de ver o tema mais vezes abordado:

“Muito raramente. Embora seja um tema muito pedido por nós, é muito raro haver uma sessão, quando as faziam, não entravam muito no tema.” – 16F, Figueira da Foz

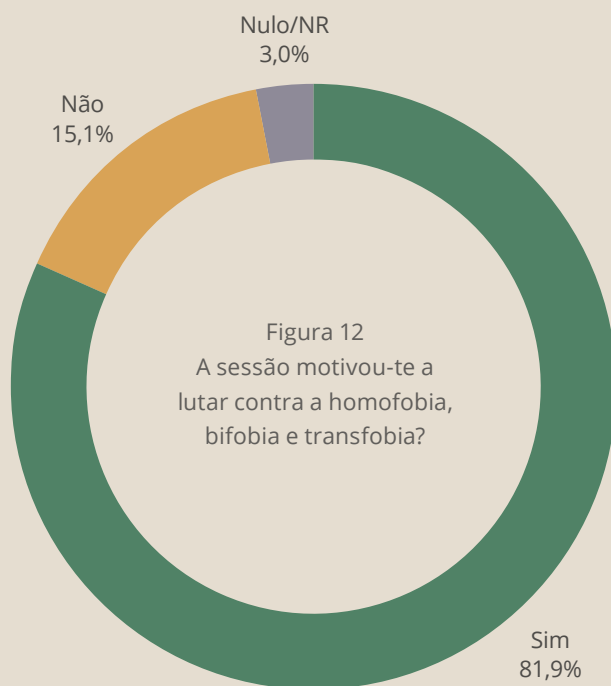
“É raro partir de um professor, exceptuando o de História, que aborda positivamente o preconceito historicamente.” – 18M, Vila Franca de Xira

Os alunos sentem, porém, que quando abordadas estas temáticas em sala de aula, a mesma não é muito aprofundada e fica aquém das suas expectativas. Isto vai de encontro à ideia de que é preciso criar um programa mais concreto de Educação Sexual e de Educação para a Cidadania mais inclusiva da diversidade.^{[5][6]}

Pode dar-se o caso dos docentes não sentirem a preparação necessária para falar sobre o tema ou de não saberem como o fazer (daí muitas vezes solicitarem as sessões). Adicionalmente, chegam vários pedidos ao Projeto Educação LGBTI para complementar trabalhos de alunos, geralmente nas disciplinas acima enunciadas (incluindo também Filosofia e Sociologia). Mais abaixo, na análise dos formulários a docentes, poderá verificar-se a sua autopercepção da capacidade de abordar estas temáticas em contexto de sala de aula.

8. A sessão motivou-te a lutar contra a homofobia, bifobia e transfobia?

A maioria dos jovens respondeu que as sessões levadas a cabo os motivou para lutar contra a homo-bi-transfobia (81,9%), o que leva a crer que as sessões são profícuas e, após vários anos de trabalho junto dos mesmos e de tentativa de sensibilização, a juventude tem se tornado mais respeitadora, inclusiva e promotora da igualdade e não-discriminação de pessoas LGBTI (Figura 12 – A sessão motivou-te a lutar contra a homofobia, bifobia e transfobia?).



9. Se quiseres, deixa um comentário sobre a sessão

Nesta resposta aberta opcional, cerca de 500 alunos colaboraram, deixando a sua opinião sobre a sessão que tinham acabado de assistir. Dentro dos comentários deixados verifica-se que a maioria gostou da sessão, reconhecendo a sua importância e pertinência, assim como a necessidade de haver mais sessões como as que a rede ex aequo promove. Existem diversos elogios à simpatia e preparação dos oradores, à abordagem dos temas e também à metodologia utilizada durante a sessão. Verificam-se também casos de participantes que não gostaram da mesma ou a acharam irrelevante e indiferente. Contudo, estes comentários são uma minoria residual. Alguns, apesar de acharem a intervenção positiva, consideram que aquela janela temporal dedicada à sessão não é a suficiente para que se altere algo significativo na sociedade. Outros demonstraram terem adquirido consciência sobre como alguns comentários aparentemente inofensivos (ver pergunta 4 e 4.1.) podem ser nocivos para quem os ouve. Por fim, e em menor quantidade, alguns dos indagados mostram satisfação por assistirem a este tipo de sessão, pelo facto de também serem LGBTI:

“A forma como realizaram a sessão foi muito positiva, aproximaram-se dos alunos e permitiram um debate entre os alunos.” – 17M, Lisboa

“Aprendi muito e tenho de ter mais cuidado sobre aquilo que digo até aos meus amigos sobre a sua orientação.” – 17F, Ermesinde

“Deixou-me muito feliz saber que existe pessoal empenhado em vir mostrar às escolas que existimos, damos conhecimento e esclarecimento e isso é tudo no processo de aceitação/inclusão/normalização da nossa existência.” – 18M, Vila Franca de Xira

Formulário a docentes e não-docentes

No ano de 2019 houve 24 docentes e três psicólogos escolares que assistiram a sessões a preencher o formulário — muitas vezes são os psicólogos a solicitar as sessões e estão mais conscientes de situações de processos de *coming out* de alunos da escola ou de situações de homo-bi-transfobia (Anexo II – Formulário Avaliação – Docentes e Não-Docentes). É importante o preenchimento destes formulários por parte dos docentes para tentar compreender o conhecimento que têm e a sua capacidade para abordar a temática em sala de aula, dado que têm de o fazer para cumprir o plano curricular segundo os órgãos governamentais competentes. Com este objetivo, e atendendo a pequena amostra de respostas, estas servem apenas para poder entender o panorama do sistema educativo e a perceção que docentes e não-docentes têm do mesmo.

Respostas

1. Como tomou conhecimento do Projeto Educação LGBTI?

Uma boa parte dos docentes soube da existência do Projeto Educação através do PES – Projeto de Educação para a Saúde Sexual, que deverá estar implementado em todas as escolas. Muitas vezes, ao terem de abordar as temáticas da orientação sexual e/ou identidade de género, os docentes não se sentem preparados para o fazer, quer a nível de conhecimentos, quer de execução. Outros docentes dizem já ter conhecimento do Projeto previamente, dado o facto de já se terem dinamizado algumas sessões em anos letivos anteriores na sua escola. O e-mail enviado pela equipa de Coordenação no início de cada ano letivo também levou ao conhecimento do Projeto por parte dos docentes e psicólogos. Em menor número, dizem ter tido conhecimento através de pesquisas na Internet e redes sociais, planos de atividades da escola ou em formações. Apenas dois docentes tiveram conhecimento do Projeto só ao momento da sessão a que assistiram.

2. Houve críticas ou resistência de colegas, conselho executivo ou mães/pais acerca da sessão do Projeto Educação LGBTI? Especifique, por favor.

Nesta pergunta de resposta aberta, a maioria dos docentes e psicólogos escolares (63%) diz desconhecer qualquer resistência; contudo um docente refere ter havido resistência por parte de alguns colegas na divulgação da mesma e outro refere ter havido uma grande necessidade de formalização do pedido, assim como aprovação de Conselho Pedagógico e junto aos pais.

Contudo, apesar destes dados, como referido na introdução deste relatório, em março de 2019 despoletou-se uma polémica em torno do Projeto Educação LGBTI, após uma queixa de um encarregado de educação, que tomou maiores proporções após a sua difusão nas redes sociais e a constante atenção mediática na imprensa escrita e restantes meios de comunicação social durante algumas semanas, algo que nunca tinha acontecido durante a vigência deste projecto. Nos meses seguintes algumas escolas cancelaram sessões previamente marcadas com algum receio da reação dos encarregados de educação e por queixas e objeções dos mesmos.

3. Em contexto escolar, com que frequência assiste a situações de gozo, discriminação, ou agressão com base na orientação sexual, identidade e expressão de género, ou características sexuais?

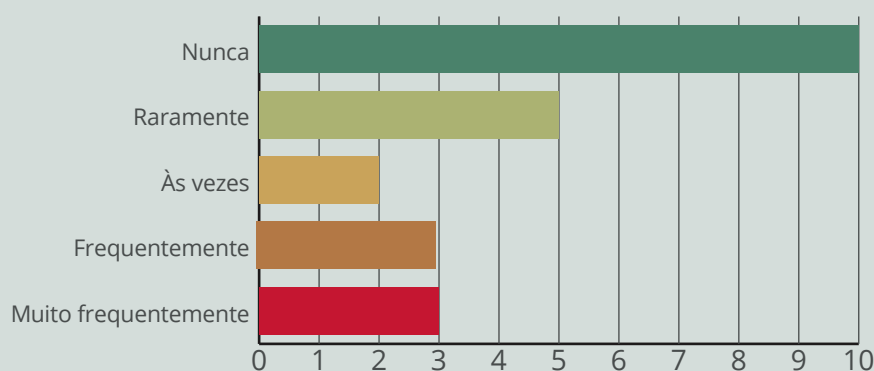


Figura 13 – Em contexto escolar, com que frequência assiste a situações de gozo, discriminação, ou agressão com base na orientação sexual, identidade e expressão de género, ou características sexuais? (23 respostas válidas)

Mais de metade dos inquiridos (13 de 23 respostas válidas), diz assistir a este tipo de situações, ainda que cinco o diga que raramente, dois “às vezes” e três “frequentemente” e “muito frequentemente”, respetivamente (Figura 13 – Em contexto escolar, com que frequência assiste a situações de gozo, discriminação, ou agressão com base na orientação sexual, identidade e expressão de género, ou características sexuais?).

10 dos inquiridos dizem nunca ter assistido a este tipo de discriminação (o que não significa que ela não exista), sendo que parecem assistir em menor frequência a este tipo de situações do que os seus alunos. Ainda assim, podemos ver que a discriminação com base nestas características continua a ser algo recorrente e visível nas escolas portuguesas.

4. Acha que as sessões do Projeto Educação LGBTI ajudam a diminuir este tipo de situações nas escolas? Elabore, por favor.

Das 27 respostas válidas a esta pergunta de resposta aberta, 26 acreditam assertivamente que estas sessões ajudam a diminuir o tipo de situações descrito na pergunta anterior. Apenas uma foge do padrão, indicando que não tinha “detetado nenhuma situação de discriminação na escola”. Muitas das respostas apontam para a importância de se falar na primeira pessoa e das experiências pessoais para ajudar à compreensão dos outros e gerar empatia e criar espaço de reflexão. É também realçada a necessidade de debater, informar e confrontar opiniões de modo a esclarecer mentes, assim como a relevância de se prosseguir com as sessões. Também é dado enfoque à importância da consciencialização, visibilidade e derrubar de rótulos para construir uma maior sensibilidade ao tema:

“Sem dúvida que sim. A forma aberta como os oradores falam do assunto e como relatam as situações pessoais é fundamental para desmistificar. Combater o desconhecimento e a discriminação é fundamental nestas idades. Foi preciosa a vossa ajuda. Muito obrigada mais uma vez.” – Docente, 41F, Lisboa

“Sim. Já promovemos estas sessões desde há alguns anos e pensamos que contribui para melhorar o respeito pelas diferenças da identidade de género e da orientação sexual. Atualmente, já há vários casais homo na nossa escola que expressam publicamente o seu relacionamento afetivo sem constrangimentos e com plena aceitação da comunidade escolar. Neste sentido, o ambiente escolar melhorou muito, apesar de haver alguns (poucos) colegas professores que manifestam por vezes algum incómodo face à situação. Entre a população estudantil, as questões de orientação sexual, identidade e expressão de género vão estando interiorizadas e assumidas.” – Docente, Amadora

A ideia da informação como agente de mudança é enfatizada e, de acordo com os testemunhos dos professores, as sessões do Projeto Educação LGBTI nas suas escolas têm sido benéficas na comunidade escolar e no à-vontade que os alunos demonstram na vivência da sua afetividade e, por norma, as mesmas costumam ser novamente solicitadas ano após ano.

Na escala utilizada nas questões seguintes, o “1” corresponde ao valor mais negativo e o “6” ao mais positivo.

5. Abordo estas temáticas no decorrer das minhas aulas.

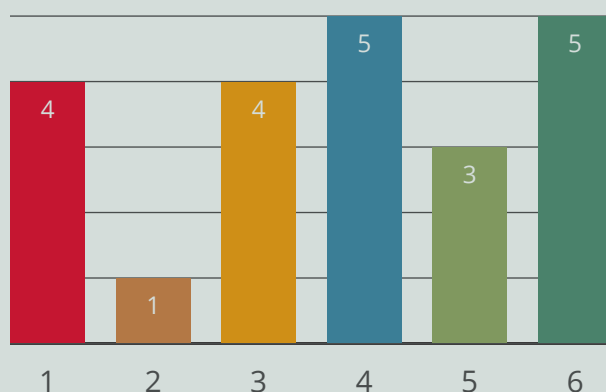


Figura 14 – Abordo estas temáticas no decorrer das minhas aulas (22 respostas válidas)

Nesta pergunta, foram apenas consideradas as respostas dadas pelos docentes e não as dos psicólogos escolares, dada a especificidade da pergunta. De 22 respostas válidas, podemos verificar que a maioria dos docentes aborda as temáticas LGBTI em ambiente de sala de aula (Figura 14 – Abordo estas temáticas no decorrer das minhas aulas). Neste inquérito não se aferiu as disciplinas afetas a cada docente pelo que estes resultados estarão também influenciados pelo conteúdo programático das disciplinas que lecionam.

É interessante verificar que, apesar das professoras e professores nos indicarem que abordam as questões de orientação sexual, identidade e expressão de género nas suas aulas, 53,5% dos alunos refere que são abordadas muito raramente e 14,8% nunca. Isto pode ser indicativo de que, aquilo que o corpo docente considera uma frequência alta ou satisfatória, não é assim percebida pelos estudantes.

6. Sinto-me capacitado/a para falar sobre estas temáticas

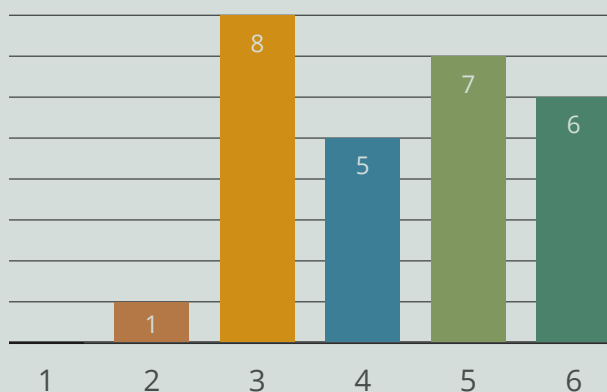


Figura 15 – Sinto-me capacitado/a para falar sobre estas temáticas (27 respostas válidas)

Ao serem questionados da sua capacidade para falar sobre as temáticas LGBTI, a maioria dos inquiridos aponta sentir-se, pelo menos medianamente capaz de o fazer, sendo que não se verifica nenhuma resposta no valor mais baixo ("1") e apenas uma no segundo mais baixo ("2") (Figura 15 – Sinto-me capacitado/a para falar sobre estas temáticas). Contudo, o nível três foi o mais respondido, encontrando-se abaixo da média. Fica por apurar, porém, tal como na análise da pergunta anterior, se esta auto-avaliação corresponde à realidade, tendo em conta que as respostas a esta pergunta não correspondem à avaliação dos alunos, sendo a abordagem destes temas aquém do esperado.

7. Sinto necessidade de ter formação específica para trabalhar estas questões

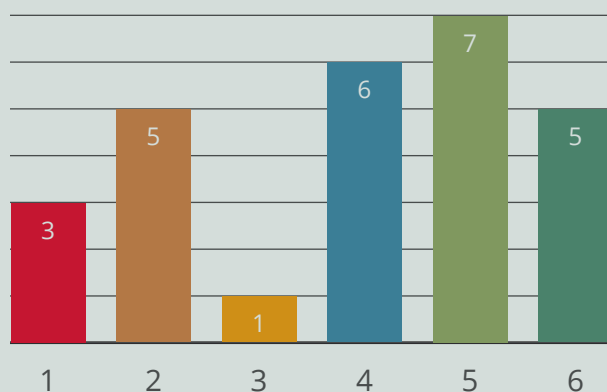


Figura 16 – Sinto necessidade de ter formação específica para trabalhar estas questões (27 respostas válidas)

A maioria (18) dos docentes e psicólogos escolares que respondeu ao questionário demonstra sentir necessidade de ter formação específica para trabalhar estas questões (Figura 16 – *Sinto necessidade de ter formação específica para trabalhar estas questões*). É importante referir que a rede ex aequo também realiza sessões do Projeto Educação LGBTI a docentes, psicólogos e assistentes operacionais. Estas ações junto de docentes e outros profissionais são ainda residuais e por isso não estão refletidas neste relatório.

8. Sei reagir a casos de *bullying* homo-bi-transfóbicos

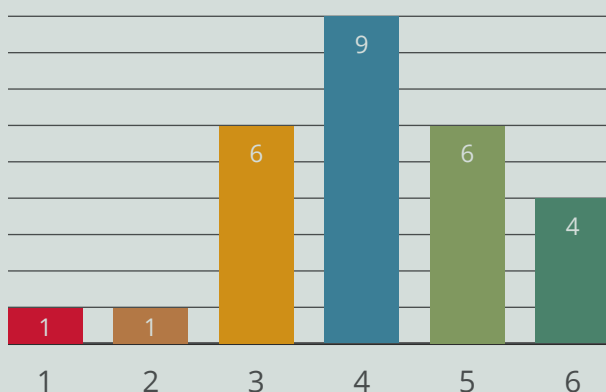


Figura 17 – Sei reagir a casos de bullying homo-bi-transfóbicos (27 respostas válidas)

De acordo com este gráfico, podemos verificar que 19 dos docentes e psicólogos escolares diz saber reagir adequadamente a casos de *bullying* homobitransfóbico (Figura 17 – Sei reagir a casos de bullying homo-bi-transfóbicos). Estas respostas têm um carácter meramente indicativo sendo uma auto-avaliação que cada inquirido faz da sua capacidade de intervir nestas situações. Contrariamente a estes dados, foi concluído em 2018 que o discurso homofóbico é desvalorizado em contexto escolar e que os professores não se sentem capazes de gerir situações de *bullying* desta natureza.^{[7][8]} Fica, assim, por apurar de que forma os professores reagem realmente perante tais circunstâncias, qual a recorrência das intervenções e quais os resultados obtidos após esta, assim como se tiveram formação especializada para o efeito.

9. Estou a par de recursos (organizações, psicólogos, etc.) que possam dar apoio nestas situações.

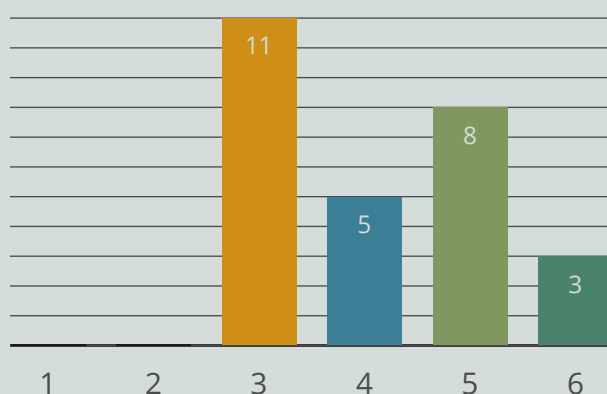


Figura 18 – Estou a par de recursos (organizações, psicólogos, etc) que possam dar apoio nestas situações (27 respostas válidas)

A maioria dos inquiridos (16) autoavalia-se como estando, pelo menos, medianamente informados quanto aos recursos disponibilizados em contexto escolar perante ocorrência de casos de homo-bi-transfobia (Figura 18 – Estou a par de recursos (organizações, psicólogos, etc) que possam dar apoio nestas situações). É de salientar que nenhum dos inquiridos se auto avaliou nos primeiros dois níveis de resposta, tendo o nível três sido aquele com que os inquiridos mais se identificaram. Embora estes dados reflitam valores tendencialmente positivos, é necessário dotar os docentes e psicólogos escolares de ferramentas que lhes permitam melhorar esta autopercepção de modo a obter respostas acima do mediano.

10. Sinto que o sistema educativo é inclusivo no que toca à diversidade de orientação sexual e identidade de género

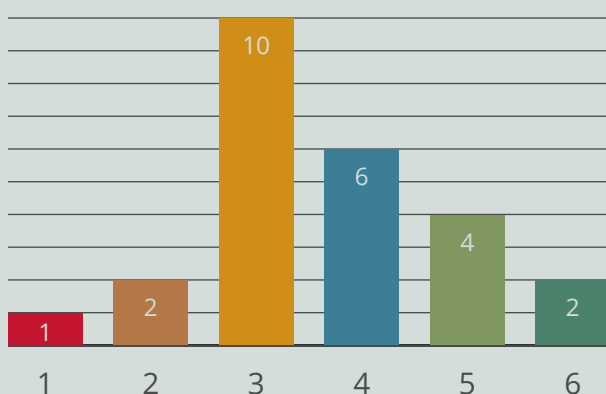


Figura 19 – Sinto que o sistema educativo é inclusivo no que toca à diversidade de orientação sexual e identidade de género (25 respostas válidas)

A maioria dos inquiridos (13), num total de 25 respostas válidas, não sente que o sistema educativo seja inclusivo no que diz respeito à diversidade de orientação e identidade de género (Figura 19 – Sinto que o sistema educativo é inclusivo no que toca à diversidade de orientação sexual e identidade de género). Com uma média simples de 3,6, os resultados sugerem que é necessária a promoção de medidas focadas na efetiva inclusão das questões LGBTI em contexto escolar, de modo a atingir a normalização do debate das mesmas. No entanto, a interpretação destes resultados precisa de considerar que tem por base a avaliação dos profissionais, partindo da sua própria percepção subjetiva, não sendo uma avaliação concreta da inclusividade do sistema educativo em geral.

Conclusões

O presente relatório indica que as sessões do Projeto Educação LGBTI da rede ex aequo têm uma receção positiva dentro da comunidade escolar, demarcando a importância da juventude LGBTI ser reconhecida em ambiente escolar com as suas especificidades: a formação da identidade, a falta de abertura no ambiente familiar e escolar para falar sobre as questões de orientação sexual, identidade e expressão de género, a eventual exclusão social e a falta de apoio pedagógico e psicológico em situações de *bullying* e violência. É de notar que as sessões do Projeto Educação têm também a especificidade de serem moderadas por jovens que interagem e dialogam com outros jovens, permitindo uma maior proximidade a nível de vivências, referências e capacidade do aluno de se identificar com o orador.

Abordar as situações de discriminação da juventude LGBTI surge da necessidade de a tornar uma população visível na sociedade, de esta ter apoio em situações de agressão e ter a possibilidade de viver livremente. Tal abordagem foi entendida nas respostas como importante e necessária, o que é de notar dado que muitos dos inquiridos referiram que estas questões não são suficientemente abordadas na escola nem em casa.

O relatório aponta, também, que o meio escolar continua a ser espaço de discriminação homo-bi-trans-interfóbica, com uma maior perceção dessa discriminação por parte do corpo docente. Apesar da descrição de pessoas LGBTI como sendo “iguais”, “normais”, “comuns”, é necessário o esforço de entender e agir no sentido de acabar com formas de desigualdade de tratamento a partir da identidade de género e orientações sexuais. A descriminalização da homossexualidade em Portugal em 1982, a despatologização da mesma pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em

1990 e a auto-determinação das identidades trans em 2018 são conquistas que não eliminaram a continuidade de discriminações. Estas medidas não foram suficientes para que o ambiente escolar se tornasse um espaço seguro para identidades e orientações sexuais não normativas (ou seja, aqueles que não se enquadram no modelo cisgénero e heterossexual). Torna-se, assim, necessário intervir ativamente no meio escolar, junto da juventude, mas também do corpo docente e demais profissionais.

Cerca de 79,2% jovens já terá assistido, pelo menos uma vez, a situações de gozo ou discriminação com base na orientação sexual, identidade e expressão de género ou características sexuais, face aos 57% dos professores. Isso pode indicar diferenças na perceção do que caracteriza uma forma de violência ou a diferença do comportamento em sala de aula e no resto do recinto escolar. Atos como o gozo e brincadeiras (mesmo entre amigos heterossexuais) são facilmente desvalorizados e desqualificados como formas de perpetuar violência. Esta violência pode acontecer de uma forma direta ou indireta. Na dimensão indireta, falamos da veiculação e reinserção de estigmas e preconceitos sobre pessoas LGBTI de uma forma socialmente aceite. Por exemplo: chamar alguém de “paneiro” para inferiorizar o colega, mesmo que sem intenção de ofender. É sobre esse tipo de insulto que o nosso trabalho incide e é com o mesmo que é possível a compreensão da dimensão desses atos num ambiente escolar, sendo por isso imperativo consciencializar a juventude para a intervenção direta no combate à homofobia, bifobia, transfobia e interfobia.

Existe também uma grande dificuldade em entender questões trans e intersexo, provavelmente devido à maior invisibilidade destas perante a sociedade, especialmente a de pessoas intersexo.

Em relação ao último relatório que publicámos, com os dados homólogos de 2016–18^[1], há algumas mudanças positivas a salientar, das quais destacamos: mais alunos referem conhecer pessoas LGBTI (de 77,5% para 83,5%); as sessões motivaram mais os alunos a lutar contra a homo-bi-transfobia (de 76% para 81,9%) e fala-se mais sobre estes assuntos no ambiente familiar (de 47,1% para 49,8%). Por outro lado, menos alunos referem que estes assuntos são abordados de forma positiva na escola (25% para 16,6%).

A metodologia das sessões do Projeto Educação LGBTI, através da educação não-formal, e de jovens para jovens, permite que os participantes se sintam à vontade, num ambiente entre pares, onde podem conversar sobre os acontecimentos na escola, as suas opiniões e visões sobre a diversidade sexual e de género. Os voluntários do projeto cumprem o papel de criar essa abertura e trazem, também, experiências próprias sobre como é ser uma pessoa jovem LGBTI na sociedade portuguesa. Nas sessões em que esta partilha ocorre, os estudantes conhecem relatos reais de pessoas LGBTI que fomentam a criação de empatia, principalmente quando são partilhadas situações de discriminação ou *bullying*.

As mudanças não poderão partir apenas dos alunos e alunas. Uma transformação integral para a escola passa por todos os integrantes da comunidade escolar. Como já apontado neste relatório, o Projeto Educação LGBTI tem assumido a tarefa de também dialogar com professores, dado que os docentes

indicaram a necessidade de formação específica, contudo dizem estar ao corrente de recursos que apoiem jovens em caso de homo-bi-transfobia. Seria importante, no futuro, aferir em termos concretos a que corresponde esta autoavaliação, nomeadamente através da identificação de recursos disponibilizados. A rede ex aequo criou, há uns anos, o Projeto Inclusão, dirigido especificamente à formação de docentes, estando este agora a ser integrado no Projeto Educação LGBTI.

É importante salientar que a maior parte das respostas foi de alunos e professores de grandes cidades e centros urbanos do país. Considerando que uma grande parte das escolas do país nunca realizou uma destas sessões, é importante referir três pontos: muitas escolas no interior não querem ou não sabem ainda da possibilidade das sessões, jovens LGBTI podem estar sem qualquer recurso institucional para serem apoiados e muitos professores podem estar pouco preparados e sem informação sobre como lidar com a temática em sala de aula ou em situações de *bullying*.

No fundo o que se pretende é que as sessões sejam apenas um ponto de partida para um debate mais alargado. A ida às escolas permite a possibilidade de se falar sobre o assunto, ouvir a opinião em primeira pessoa dos alunos, dialogar com docentes e dar a oportunidade aos jovens LGBTI de terem referências positivas de outros jovens LGBTI e entenderem que essa identidade não tem nada de errado. O Projeto Educação LGBTI mostra-se imprescindível, assim como a sua continuidade e expansão para atingir mais escolas e sensibilizar para a não-discriminação de vivências não-normativas.

Glossário

Bissexual — Pessoa que se atrai por dois ou mais gêneros. O termo Pansexual é comumente usado para designar pessoas que se atraem por todos os gêneros ou por pessoas independentemente do seu gênero. A palavra pansexual remete para a existência de gêneros além do binário, no entanto tal não implica que o termo bissexual não englobe estas identidades. A interpretação pessoal das definições, as suas diferenças e a auto-identificação com estas varia de pessoa para pessoa sendo única a experiência de cada pessoa.

Características sexuais — Referentes à biologia sexual das pessoas e as características que daí advêm. Mais especificamente as características sexuais primárias e secundárias, entre elas os cromossomas sexuais, os órgãos genitais, as gónadas, os níveis hormonais, desenvolvimento de tecido mamário e a pilosidade. Estas são tipicamente agrupadas em duas categorias distintas, contudo todas as suas componentes dispõem de uma grande variedade ao longo de um espectro e podem combinar-se de diferentes maneiras sendo que nenhum corpo é igual a outro (ver *Intersexo*).

Cisgênero — Pessoa cuja identidade de gênero corresponde àquela que lhe foi atribuída à nascença. Por vezes abreviado para pessoa “cis”, sendo este o oposto de “trans” (ver *Trans*).

Expressão de gênero — É a forma como alguém se apresenta; incluindo o vestuário, os maneirismos, os acessórios, os penteados, entre outros. Pode ou não corresponder ao esperado da sua identidade de gênero (ver *Identidade de Gênero*).

Gay — Pessoa que se identifica com o gênero masculino que se atrai por pessoas do mesmo gênero. Alternativamente, pode ser usado também como sinónimo de “homossexual”, podendo designar pessoas gays e lésbicas.

Gênero — É uma construção social decorrente do contexto histórico e cultural. Engloba os conceitos de identidade e expressão de gênero, usualmente numa perspectiva binária em que existem dois conjuntos de características, comportamentos, entre outros, que são exclusivos de cada conjunto e opostos na sua essência, comumente associados à biologia sexual das pessoas.

Hermafrodita — Não existem seres humanos hermafroditas. Para tal, estes precisariam de ter ambos os sistemas reprodutores completamente desenvolvidos e funcionais, condição que não se verifica em humanos. Isto porque a diferenciação sexual dos corpos ocorre a partir da mesma base de tecidos e para estes se desenvolverem dessa maneira teriam de ser duplicados e de ter condições para se desenvolverem simultaneamente (i.e. os ovários e os testículos desenvolvem-se a partir do mesmo tecido).

Heterossexual — Pessoa que se atrai por pessoas de um gênero diferente do seu, usualmente considerado o gênero “oposto”.

Homossexual — Pessoa que se atrai por pessoas do mesmo gênero que o seu.

Identidade de gênero — A profunda experiência de gênero interna e individual, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído à nascença, e que pode ou não estar associada à sensação pessoal corporal e à expressão de gênero da pessoa (ver *Expressão de Gênero*).

Intersexo — Pessoa cuja biologia sexual varia dos padrões definidos para homem e mulher. Estas variações podem acontecer a vários níveis (dos cromossomas, órgãos genitais, gónadas, hormonas, entre outros) e podem ser detectadas à nascença, no decorrer da puberdade ou mais tarde ainda, podendo mesmo nunca chegar a ser detectadas. Estima-se que 1,7% das pessoas seja intersexo, estatística proveniente dos estudos de Anne Fausto-Sterling e usada pela ONU^[9]. Pessoas intersexo não são hermafroditas (ver *Hermafrodita*).

Lésbica — Pessoa que se identifica com o género feminino que se atrai por pessoas do mesmo género.

LGBTI — Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexo. É importante realçar que apesar de existirem muitas mais identidades e orientações sexuais, existindo também outras versões da sigla como LGBT, LGBTI+ e LGBTQIA+, esta é a utilizada a nível legal e pela sociedade civil LGBTI.

Nome social — Designação dada ao nome que as pessoas trans usam quando este não corresponde ao seu nome legal que consta nos documentos de identificação.

Orientação sexual — Capacidade de cada pessoa de desenvolver uma profunda atração sexual, emocional e afetiva com pessoas de género diferente e/ou igual ao seu.

Papéis de género — Conjunto de regras que uma sociedade define para o género masculino ou feminino. Tais regras são mutáveis e dependentes do contexto histórico, cultural e social.

Sexo atribuído à nascença — Expressão usada para distinguir o conceito da biologia sexual (ver *Características sexuais*) e o sexo legal binário que os profissionais de saúde atribuem aos bebés à nascença, avaliando apenas com base nos seus órgãos genitais não considerando os restantes componentes da biologia sexual humana. Este por norma vem acompanhado de um género que também é consequentemente atribuído à nascença e que influencia a maneira que a criança é educada e inserida na sociedade. Este não define a futura identidade de género que é autodeterminada pela pessoa nem a sua expressão de género.

Trans — Termo abrangente para designar pessoas que não se identificam com o género atribuído à nascença, que podem querer ou não fazer modificações corporais para se sentirem melhor consigo mesmas e com sua identificação. Tal termo incorpora identidades trans como o caso de pessoas que se designam como “homens trans”, “mulheres trans” e também identidades que não se enquadram no binário masculino/feminino, como pessoas não-binárias. Anteriormente, eram habitualmente usados os termos “transexual” e “transgénero”, contudo estes têm caído em desuso, sendo o termo “trans” o mais usado.

Transição social de género — Processo de uma pessoa trans se passar a apresentar socialmente (verbalmente, fisicamente, entre outros) de acordo com a sua identidade de género.

Instrumentos de política pública em vigor

Legislação

Lei nº 3/84 de 24 de Março Educação sexual e planeamento familiar

Nº 1 do Artigo 1.º define que “o Estado garante o **direito à educação sexual**, como componente do direito fundamental à educação”, sendo que esta deve ser adaptada aos níveis de ensino e deve, segundo o nº 2 do Artigo 2.º, “contribuir para a **superação das discriminações** em razão do sexo e da divisão tradicional, de funções entre mulher e homem”.

Lei 120/99 de 11 de Agosto Reforça as garantias do direito à saúde reprodutiva

Nº 1 do Artigo 2.º preconiza que nos estabelecimentos de ensino básico e secundário seja implementado “um programa para a promoção da saúde e da sexualidade humana, no qual será proporcionada adequada informação sobre a **sexualidade humana**, (...) as **relações interpessoais**, a partilha de responsabilidades e a **igualdade entre géneros**”.

Decreto-lei nº 259/2000 de 17 de Outubro Regulamenta a Lei n.º 120/99, de 11 de Agosto

Nº 1 e 2 do Artigo 1.º define que a educação sexual deve ser feita de maneira **interdisciplinar e integrada**, sendo encorajada a dinamização de parcerias e atividades com entidades externas à escola.

Lei nº 60/2009 de 6 de Agosto Estabelece o regime de aplicação da educação sexual em meio escolar

Artigo 2.º estabelece as **finalidades dos programas de educação sexual**, entre eles “o respeito pela diferença entre as pessoas e pelas diferentes orientações sexuais”, “a promoção da igualdade entre os sexos”, “a eliminação de comportamentos baseados na discriminação sexual ou na violência em função do sexo ou orientação sexual” e a “valorização da sexualidade e afetividade entre as pessoas no desenvolvimento individual, respeitando o pluralismo das concepções existentes na sociedade portuguesa”;

Artigo 5.º define que “a **carga horária** dedicada à educação sexual deve ser adaptada a cada nível de ensino e a cada turma, não devendo ser inferior a seis horas para o 1.º e 2.º ciclos do ensino básico, nem inferior a doze horas para o 3.º ciclo do ensino básico e secundário”;

Nº 3 do Artigo 9.º preconiza que “o Ministério da Educação e os agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas podem ainda estabelecer protocolos de **parceria com organizações não governamentais**, devidamente reconhecidas e especializadas na área, para desenvolvimento de projetos específicos”.

Portaria nº 196-A/2010 de 9 de Abril Regulamenta a Lei n.º 60/2009, de 6 de Agosto

Nº 1 do Artigo 3.º define os **objetivos mínimos** dos programas de educação sexual para cada ano de escolaridade constantes no Quadro Anexo da portaria. Segundo este:

- Logo desde o **1º ciclo** devem ser abordadas as noções de família, questões de género e corporais, sendo que é especificado que a pessoa docente deve aconselhar que “caso [as crianças] se deparem com dúvidas ou problemas de identidade de género, se sintam no direito de pedir ajuda às pessoas em quem confiam na família ou na escola”;
- No **2º ciclo** deve-se abordar as questões de normalidade, diversidade e respeito em relação à sexualidade e género;
- Até ao **Ensino Secundário**, os tópicos devem ser aprofundados, chegando ao ponto onde a educação deve ser “acompanhada por uma reflexão sobre atitudes e comportamentos dos adolescentes na atualidade” e incluir uma “compreensão ética da sexualidade humana”.

Lei n.º 51/2012 de 5 de Setembro Estatuto do Aluno e Ética Escolar

Nº 1 do Artigo 7º, o aluno tem **direito a “ser tratado com respeito** e correção por qualquer membro da comunidade educativa, não podendo, em caso algum, ser discriminado em razão (...) [do] sexo, orientação sexual, (...) identidade de género”.

Lei n.º 38/2018, de 7 de Agosto Direito à autodeterminação da identidade de género e expressão de género e à proteção das características sexuais de cada pessoa

N.º 1 do Artigo 12.º estabelece que “o Estado deve garantir a adoção de medidas no sistema educativo, em todos os níveis de ensino e ciclos de estudo, que promovam o exercício do direito à **autodeterminação da identidade de género e expressão de género e do direito à proteção das características sexuais das pessoas**”.

Despacho n.º 7247/2019 Estabelece as medidas para implementação do previsto no n.º 1 do Artigo 12.º da Lei n.º 38/2018, de 7 de Agosto

Artigo 3.º define **medidas a tomar para a prevenção e promoção da não-discriminação**, incluindo “ações de informação/sensibilização dirigidas às crianças e jovens, alargadas a outros membros da comunidade escolar, incluindo pais ou encarregados de educação, tendo em vista garantir que a escola seja um espaço de liberdade e respeito, livre de qualquer pressão, agressão ou discriminação” e a “promoção do respeito pela autonomia, privacidade e autodeterminação de crianças e jovens que realizem transições sociais de género”;

Artigo 5.º estabelece as **condições de proteção da identidade e expressão de género** da criança ou jovem, incluindo a mudança de nome e género nos registos escolares, assim como o dever da escola de respeitar e fazer respeitar o nome, género, vestuário e escolha de casas de banho e balneários mesmo que estes não correspondam aos dados do registo civil.

Estratégias Nacionais

Resolução do Conselho de Ministros n.º 61/2018 **Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação – Portugal + Igual**

Inclui o Plano de Ação de Combate à Discriminação em Razão da Orientação Sexual, Identidade e Expressão de Género, e Características Sexuais 2018-2021.

Referenciais e Guias

Guiões de Educação Género e Cidadania

Documentos de orientação pedagógica adaptados a cada nível de escolaridade elaborados pela Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG) cujo conteúdo e currículo seguem as orientações curriculares do Ministério da Educação.

- Guia de Educação – Género e Cidadania Pré-escolar
- Guia de Educação – Género e Cidadania 1º Ciclo
- Guia de Educação – Género e Cidadania 2º Ciclo
- Guia de Educação – Género e Cidadania 3º Ciclo
- Guia de Educação – Conhecimento, Género e Cidadania no Ensino Secundário

Referencial de Educação para a Saúde homologado a 16 de maio de 2017 por despacho do Sr. Secretário de Estado da Educação

Estabelece como objetivos aquele de “desenvolver a consciência de ser uma pessoa única no que respeita à sexualidade, à identidade, à expressão de género e à orientação sexual”, a trabalhar em todos os ciclos de ensino, desde a Educação Pré-Escolar até ao Ensino Secundário.

Recomendações Internacionais

Conselho da Europa — Safe at school: Education sector responses to violence based on sexual orientation, gender identity/ expression or sex characteristics in Europe

Relatório do Conselho da Europa
em parceria com a UNESCO.

Realça a intervenção na área da educação como forma de melhor detetar e prevenir a discriminação e a violência em razão da orientação sexual, identidade e expressão de género, e características sexuais.

UNESCO — Respostas do Setor de Educação ao *Bullying* Homofóbico

Traduzido do relatório da UNESCO de 2012 “Education Sector Responses to Homophobic Bullying”.

Demonstra a prática de inclusão de associações de ativismo LGBTI+ em outros países no que toca às iniciativas de educação para a não-discriminação em relação à orientação sexual, identidade e expressão de género e características sexuais.

OECD — Society at a Glance 2019 — OECD Social Indicators

Relatório da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) sobre políticas e discriminação na área LGBTI.

- Sublinha a elevada prevalência do *bullying* homofóbico e transfóbico em contexto escolar a nível internacional e as suas consequências negativas para o desempenho escolar de estudantes LGBT;
- Na parte referente às políticas positivas de inclusão, refere explicitamente o trabalho da rede ex aequo com escolas e docentes, assim como o trabalho da ILGA-Portugal.

Sobre a rede ex aequo

A rede ex aequo é uma associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, trans, intersexo e apoiantes fundada em 2003. Esta é composta por jovens com idades compreendidas entre os 16 e os 30 anos. A associação tem um âmbito nacional, atuando tanto em Portugal Continental como nas Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores. A rede ex aequo está inscrita no Registo Nacional do Associativismo Jovem e é uma organização membro do Conselho Nacional de Juventude, da IGLYO – International Gay, Lesbian, Bisexual, Transgender and Queer Youth and Student Organization e da EPOA – European Pride Organisers Association.

Missão

A rede ex aequo tem como principais objetivos:

- a educação da juventude para as questões de orientação sexual, identidade e expressão de género, características sexuais e não-discriminação, através de educação não-formal e entre pares;
- a quebra do isolamento sentido pela juventude lésbica, gay, bissexual, trans e intersexo, através de eventos e iniciativas que promovam a criação e manutenção de redes de apoio informais.

Projeto Educação LGBTI

O Projeto Educação LGBTI da rede ex aequo começou em 2005 com o objetivo de intervir na sociedade para combater a falta de conhecimento sobre os temas de orientação sexual, identidade e expressão de género, e características sexuais. No âmbito do projeto são feitas sessões de debate em escolas e universidades, entre outros contextos, chegando anualmente a cerca de 5.000 jovens. O Projeto Educação LGBTI atua ao longo de todo o país.

Estas sessões baseiam-se nos princípios da educação não-formal e entre pares com o fim de cativar a atenção dos jovens e de permitir que se sintam mais à vontade para discutir verdadeiramente o assunto. Adicionalmente, têm um formato adaptável ao público em questão, abordando temas de acordo com a necessidade e o nível de conhecimento do público, variando também a profundidade da discussão e a abordagem em si. Desta forma, são fornecidos conhecimentos base a partir dos quais os jovens são incentivados a criar as suas próprias opiniões informadas sobre o tema.

Núcleos LGBTI

Desde a criação da rede ex aequo, esta veio a dinamizar núcleos de jovens LGBTI em 19 locais de norte a sul do país incluindo ilhas. Atualmente existem cinco núcleos ativos, situados em Lisboa, Porto, Coimbra, Madeira e São Miguel. Os Núcleos LGBTI são grupos de jovens LGBTI e apoiantes que na sua localidade, organizam eventos tal como tertúlias, reuniões temáticas e atividades lúdicas como passeios, piqueniques e convívios direcionados para a juventude LGBTI. Deste modo, pretendem quebrar o isolamento da juventude LGBTI, promover a criação de redes de apoio e criar um espaço aberto onde possam discutir sobre assuntos que normalmente lhes estão vedados devido à sociedade homo/bi/transfóbica em que vivemos.

Acampamento de Verão de Jovens LGBTI

Um acampamento anual de uma semana cheia de atividades, convívio, tertúlias, workshops e diversão. Este conta com pessoas convidadas que vêm moderar conversas sobre diversos assuntos. O Acampamento conta já com 17 edições realizadas e é um momento de descontração e de partilha entre jovens lésbicas, gays, bissexuais, trans, intersexo e em questionamento.

Encontro Nacional de Jovens Trans, Não-Binários e em Questionamento Identitário

Este evento tem como principal objetivo vir de encontro às necessidades específicas da juventude trans, oferecendo um espaço em que possam explorar as suas identidades, criar redes de apoio e aprender ferramentas para melhor navegarem o mundo médico e legal. Este proporciona a todos os jovens trans ao longo de Portugal a oportunidade de participação independentemente das suas capacidades financeiras e localização geográfica, sendo os custos cobertos ou reembolsados de modo a não deixar estas barreiras impedir o acesso ao projeto. O Encontro acontece anualmente, contando já com cinco edições.

Intervenção Política e Cívica

Como parte do trabalho da rede ex aequo pela não-discriminação de pessoas LGBTI com foco nas especificidades da juventude, esta intervém junto de entidades governamentais. A rede ex aequo organiza também vários eventos de cariz ativista e centrados na reivindicação de direitos, entre estes, co-organiza várias marchas de orgulho LGBTI, nomeadamente em Lisboa, Porto, Aveiro, Coimbra e Madeira. Adicionalmente organiza um Dia de Abraços Contra a Discriminação em várias regiões de Portugal durante o dia 17 de maio — Dia Internacional Contra a Homo-bi-trans-interfobia.

Fórum

Um dos projetos primordiais da rede ex aequo. Consiste num fórum online onde desde 2002, jovens LGBTI ou em questionamento encontram um espaço para discutirem variados tópicos. Este permite a quebra do isolamento de jovens sem limitações geográficas e o acesso a informação sobre questões LGBTI, relacionamentos, saúde, entre outros. Pode ser acedido através de www.rea.pt/forum.

Escolas ex aequo

Formações de voluntariado para os projetos da associação, nomeadamente para as pessoas oradoras do Projeto Educação LGBTI e coordenadoras dos Núcleos LGBTI. Nestes eventos, a rede ex aequo capacita as pessoas participantes para integrarem estas iniciativas e educa-as sobre questões de orientação sexual, identidade e expressão de género e características sexuais. Nestas, o pensamento crítico e o debate construtivo são valorizados.

Observatório de Educação LGBTI

Projeto que fornece um formulário online para relatar situações de discriminação, de qualquer cariz, respeitantes ao tema da orientação sexual, identidade e expressão de género e características sexuais que tenham ocorrido em ambiente escolar em Portugal. Desde 2006 foram publicados cinco relatórios bianuais sobre a informação recolhida com intuito de trazer atenção para os problemas de agressão psicológica e/ou física sofrida por jovens, professores e funcionários no espaço escolar.

Como contribuir

Voluntariado

Queres fazer parte da rede ex aequo e ajudar nos nossos projetos? Envia e-mail para geral@rea.pt e pede-nos mais informações.

Todos os anos realizamos escolas ex aequo de formação para os nossos projetos onde poderás desenvolver as competências necessárias para integrar os nossos projetos.

Associa-te à rede ex aequo

Podes fazer parte das nossas conquistas! Ao te associares contribuis para o bom funcionamento da rede ex aequo, e demonstras o teu apoio pela associação. Associa-te através do nosso website em rea.pt/registo-associade.

Donativos

Somos uma associação sem fins lucrativos por isso o nosso trabalho é realizado maioritariamente com trabalho voluntário. Podes ajudar a associação fazendo uma pequena contribuição monetária, sem qualquer valor mínimo.

Todos os donativos revertem para financiar os nossos projetos, eventos, sessões nas escolas e custos de manutenção. Caso queiras que o teu donativo promova um projeto em específico, envia-nos email para tesouraria@rea.pt com essa indicação.

Podes contribuir através de transferência bancária para:

IBAN: PT50 0035 0379 00001089230 16





ou através de MB Way para
o número: 968 781 841

Sessões do Projeto Educação LGBTI na tua escola

Queres uma sessão do Projeto Educação LGBTI na tua escola, para sensibilizar os teus colegas para questões de orientação sexual, identidade e expressão de género? Ou estás a fazer um trabalho de grupo sobre estas questões e precisas de ajuda? Fala com o teu professor e sugere o nosso contacto. Se tiveres dúvidas sobre como trazer o Projeto Educação LGBTI à tua escola, envia e-mail para educacao@rea.pt.

Se for professor, psicólogo ou membro da direção de uma escola/ agrupamento escolar e quiser ver estas questões abordadas na sua escola, envie e-mail para educacao@rea.pt.

Mais informação:

-  www.rea.pt
-  facebook.com/redeexaequo
-  instagram.com/redeexaequo
-  youtube.com/redexaequo

Contactos:

Direção: geral@rea.pt
Tesouraria: tesouraria@rea.pt
Comunicação: comunicacao@rea.pt
Projeto Educação LGBTI:
educacao@rea.pt

Núcleos LGBTI:

Porto: porto@rea.pt
Coimbra: coimbra@rea.pt
Lisboa: lisboa@rea.pt
R.A. Madeira: madeira@rea.pt
R.A. Açores (São Miguel):
saomiguel@rea.pt



Referências Bibliográficas

[1] rede ex aequo. (2019). Relatório do Projeto Educação LGBTI 2016-2018. rede ex aequo. <https://www.rea.pt/arquivo/relatorio-pe-2016-2018.pdf>

[2] ILGA-Europe, IGLYO. (2016). Social Exclusion Of Young Lesbian, Gay, Bisexual And Transgender (LGBT) People In Europe. ILGA-Europe. https://www.ilga-europe.org/sites/default/files/Attachments/social_exclusion_of_young_lesbian_gay_bisexual_and_transgender_people_lgbt_in_europe_april_2006.pdf

[3] OECD. (2019). Society At A Glance 2019: OECD Social Indicators. https://doi.org/10.1787/soc_glance-2019-en

[4] Moleiro, C., Pinto, N., Oliveira, J. M., & Santos, M. H. (2016). Violência doméstica: Boas práticas no apoio a vítimas LGBT – Guia de boas práticas para profissionais de estruturas de apoio a vítimas. Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, p. 15-17. Disponível em https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2017/03/Violencia-domestica_boas-praticas-no-apoio-a-vitimas-LGBT-Guia-para-profissionais-de-estruturas-de-apoio-a-vitimas.pdf

[5] Viana, C. (2019). Alunos Querem Educação Sexual Menos Vaga E Mais Interessante. *Público*. <https://www.publico.pt/2019/03/17/sociedade/noticia/alunos-querem-educacao-sexual-menos-vaga-interessante-1865711>

[6] Viana, C. (2019). Também Na Educação Sexual A Participação De Pais E Alunos Pode Fazer A Diferença. *Público*. <https://www.publico.pt/2019/03/17/sociedade/noticia/tambem-educacao-sexual-participacao-pais-alunos-diferenca-1865719>

[7] Santos, H. (2018). Discursos Sobre *Bullying* E Homofobia Na E Da Escola: Que (Im)Possibilidades De Cidadania Para Jovens LGBT?. Doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP). <https://hdl.handle.net/10216/115964>

[8] Pereira, A. C. (2018). Discurso Homofóbico Desvalorizado Dentro Das Escolas. *Público*. <https://www.publico.pt/2018/10/01/sociedade/noticia/discurso-homofobico-desvalorizado-dentro-das-escolas-1845734>

[9] Blackless, M., Charuvastra, A., Derryck, A., Fausto-Sterling, A., Lauzanne, K. e Lee, E. (2000). How sexually dimorphic are we? Review and synthesis. *Am. J. Hum. Biol.*, 12: 151-166. <https://doi.org/bttkh4>

Anexos

Anexo I – Formulário de Avaliação – Alunas/os

Projeto Educação LGBTI

Formulário de Avaliação – Alunas/os



associação de jovens lgbti e apoiantes
rede ex aequo

INFORMAÇÃO GERAL

Idade:		Género:		Ano escolar:	
Escola:					

1. Conheces alguma pessoa lésbica, gay, bissexual, trans ou intersexo?

- Conheço
 Talvez conheça, mas não sei se é
 Não

2. Como reagirias se a/o tua/teu melhor amiga/o se assumisse como LGBTI?

- Acabava com a amizade
 A amizade mudava para pior
 A amizade mantinha-se como está
 A amizade mudava para melhor

3. A orientação sexual, identidade e expressão de género, ou características sexuais são temas abordados na tua família?

- Sim, de forma natural
 Sim, mas é desconfortável
 Não, não falamos disso

4. Com que frequência assistes a situações de discriminação, agressão ou gozo com base na orientação sexual, identidade e expressão de género, ou características sexuais?

- Muito frequentemente
 Frequentemente
 Às vezes
 Raramente
 Nunca

- 4.1 Se sim, quando e o que aconteceu?

5. Qual é a tua opinião sobre as pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans e intersexo depois desta sessão?

6. Achas que é importante falar sobre estas questões na escola (como nesta sessão) para diminuir este tipo de situações?

- Acho importante
 Nunca pensei sobre isso
 Sou contra

Outra: _____

7. Para além de hoje, estas questões são abordadas na escola?

- Nunca
 Raramente
 Frequentemente

- 7.1 Se sim, quando e em que contexto aconteceu?

8. A sessão motivou-te a lutar contra a homofobia, bifobia e transfobia?

- Sim Não

9. Se quiseres, deixa um comentário sobre a sessão.

Anexo II – Formulário de Avaliação – Docentes e Não-Docentes



associação de jovens lgbti e apoiantes
rede ex aequo

Projeto Educação LGBTI
Formulário de Avaliação – Professoras/es

1. Eu sou:
 Docente Funcionária/o na escola

2. Como tomou conhecimento do Projeto Educação LGBTI?

3. Houve críticas ou resistência de colegas, conselho executivo ou mães/pais acerca da sessão do Projeto Educação LGBTI? Especifique, por favor.

4. Em contexto escolar, com que frequência assiste a situações de gozo, discriminação ou agressão com base na orientação sexual, identidade e expressão de género, ou características sexuais?
- Muito frequentemente
 Frequentemente
 Às vezes
 Raramente
 Nunca

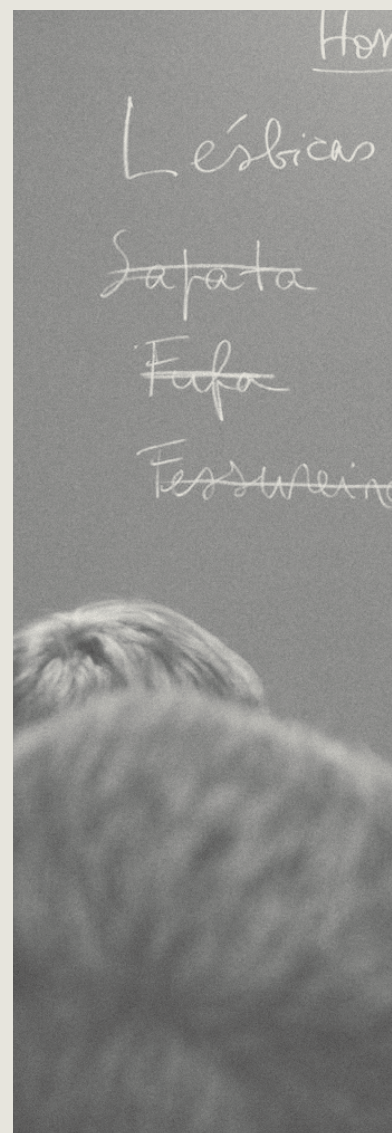
5. Acha que as sessões do Projeto Educação LGBTI ajudam a diminuir este tipo de situações nas escolas? Elabore, por favor.

No próximo quadro, por favor responda com uma cruz (X) em cada questão. Na escala utilizada, o 1 corresponde o valor mais negativo e 6 o mais positivo.

	1	2	3	4	5	6
Abordo estas temáticas no decorrer das minhas aulas						
Sinto-me capacitada/o para falar sobre estas temáticas						
Sinto necessidade de ter formação específica para trabalhar estas questões						
Sei reagir a casos de bullying homobitransfóbicos						
Estou a par de recursos (organizações, psicólogos, etc.) que possam dar apoio nestas situações						
Sinto que o sistema educativo é inclusivo no que toca à diversidade de orientação sexual e identidade de género						

Nome da escola:			
Data da sessão:		Ano e turma:	

rede ex aequo – associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, trans, intersexo e apoiantes
 Rua dos Fanqueiros, 3ºEsq 1100-231 Lisboa. 96 878 18 41 geral@rea.pt www.rea.pt



Cofinanciado por:

